

OPERAÇÃO-ESCOLA  
REFORMULAÇÃO DA EDUCAÇÃO PRIMÁRIA

Coube ao INEP, pelo decreto que instituiu a Operação-Escola, a assistência aos Estados no que respecta à reformulação do ensino primário.

Parte, pois, o legislador da premissa de que a situação de nosso ensino não é satisfatória, o que ficou patenteadado numa série de estudos já empreendidos pelos próprios Estados e por órgãos do MEC - em particular o SEEC e o INEP - que revelam a baixa produtividade do trabalho que vem sendo desenvolvido nesse setor.

O fim em vista é a melhoria da produtividade dos sistemas escolares.

A produtividade de qualquer empreendimento se mede em função do que se está buscando. Uma indústria de sapatos tem boa produtividade se resulta em sapatos que satisfazem do ponto de vista da durabilidade, apresentação, acabamento, comodidade etc; se é mínima a taxa de produtos refugados; se os sapatos encontram mercado; se o material e o número de empregados utilizados para produzi-los é o menor, compatível com a boa qualidade do produto, porque esse pessoal é eficiente e é elevada a moral profissional, que resulta de condições de estímulo e remuneração.

Como entender a produtividade nessa tarefa difícil e complexa de educar pessoas e, em particular, na Escola Primária - ainda não atingida por todos e além da qual não consegue ascender a grande maioria da população? Não nos esqueçamos que a proporção entre alunos do 1º série primária e o 1º do ensino médio é de 10% e 30% das crianças não chegam a ingressar na Escola Primária.

A produtividade é função dos objetivos buscados e estes são, de modo geral, melhor formação do educando como pessoa humana e como membro dos vários grupos sociais a que pertence (família, grupo de trabalho etc.) e melhor adaptação às necessidades econômicas e sociais.

Melhor formação não envolve apenas instrução, a que a nossa Escola Primária está limitada no presente, em vista da deficiente preparação do professor e do tempo restrito de aula.

Importa no desenvolvimento de atitudes - de responsabilidade social, de cooperação, de planejamento, de reflexão, de iniciativa pelo bem comum. Envolve o desenvolvimento de interesses - por ler, por estudar, pelo progresso do país. Inclui a aquisição de habilidades que são básicas no mundo atual; por exemplo a de ler instruções e executá-las, de usar o dicionário ou livros de consulta,

de estudar com eficiência. Sem estes, de pouco valerão os conhecimentos adquiridos, num mundo em transformação acelerada.

Do ponto de vista de conhecimentos, importa na aquisição daqueles que são essenciais e que têm um sentido dinâmico, isto é - servem à ação. Atualmente, nossos alunos decoram listas de coletivos que jamais aplicarão; descrevem estampas mas não redigem um telegrama; são capazes de classificar fôlhas e animais, mas não sabem defender a sua saúde e a de seus filhos, nem têm a capacidade básica para adquirir a preparação para os trabalhos mais simples.

Do ponto de vista de adaptação às necessidades econômicas e sociais, nossa escola não forma, como deveria, o que os estudos da UNESCO denominam "produtos semi-acabados", isto é, elementos que estão prontos para receber, já no ofício, ou em curso intensivo puramente profissional, uma formação rápida para o trabalho. A importância de um curso primário bem orientado é imensa, pois pesquisas feitas revelam que o aumento de um ano de ensino primário eficiente redundará num aumento de produtividade no trabalho maior do que um ano de prática profissional.

Como medir a produtividade da escola? Devemos, antes de tudo, fixar-nos nas taxas de alunos bem ou mal sucedidos.

Para 100 alunos no 1º ano primário temos, no 4º, 19% em média. Isso revela que no mínimo  $\frac{4}{5}$  dos alunos não estão seguindo normalmente através da Escola. Das crianças que se encontravam no 1º ano, em 1961, cerca de 80% haviam sido reprovados ou se tinham evadido antes de chegar ao 4º ano (Anais da III Conferência Nacional de Educação, INEP-MEC pág. 209). 50% das nossas crianças se encontram no 1º ano, algumas há 4 e mais anos. Examinando-se o grupo, já muito selecionado, que se encontra no 4º ano, vemos que levou em média 5 anos para alcançar esse série. O gasto que estamos fazendo por aluno bem sucedido é de cerca de 250% do gasto por aluno. Não podemos esquecer, como educadores, o efeito de evasão e reprovação no desenvolvimento de atitudes de insegurança, de frustração, de rebeldia.

Consideramos em particular o grupo dos alunos mal sucedidos na escola.

Em grande parte, eles se classificam no que os estudiosos da produtividade denominam perda, que é representada pelos candidatos ao analfabetismo de retorno, fenômeno que, segundo estudos da UNESCO, ameaça aqueles que não realizaram pelo menos 3 anos de estudo eficiente (não 3 anos repetindo o 1º ano). Pelo Censo de 1964, cerca de 36% das crianças de 11 anos que se achavam na esco-

la estavam no 1º ano. As taxas para 12, 13 e 14 anos eram de respectivamente - 29, 24 e 20% ( Anais da II Conferência Nacional de Educação, INEP - MEC, pág. 201). Essas crianças, geralmente provindas das classes desfavorecidas e que provavelmente serão retiradas do escola logo que aprendam a ler, são candidatas ao analfabetismo de retorno. O mesmo ocorre com 20% das crianças de 12 anos, 17% das de 13 e 14% das de 14, que se encontram no 2º ano.

Além das perdas, temos ainda o subaprovoitamento representado pela reprovação e pela evasão e, ainda, pelos produtos não preparados para a vida. Resta acrescentar que, como consequência dessa ineficiência, 30% das crianças não conseguem ingressar na escola. São vítimas de uma discriminação, involuntária embora, de um tratamento incompatível com o regime democrático. E não são elas, apenas, as prejudicadas, mas todo o país, uma vez que se trata de população de mais baixo nível cultural e econômico, que tende a se marginalizar, a se desajustar socialmente, a depender da sociedade para subsistir.

Esses sintomas não são percebidos em toda a sua gravidade, e não vêm sendo objeto de um planejamento seguro para sua melhoria, a nosso ver por falta de controle do que vem ocorrendo.

Um dos índices da produtividade da escola primária está, por exemplo, na relação entre aprovados no 4º ano e alunos de 1º ano.

Num sistema eficiente, essa proporção é de, pelo menos, 90%. No Brasil há unidades em que alcança apenas 9%, e em média, não chega a 20%. O Brasil se classifica, nesse aspecto, no que se chama um índice catastrófico, um dos mais baixos do mundo.

Não será possível obtermos os resultados alcançados pelos países desenvolvidos enquanto não melhorarmos as condições básicas em que se processa nosso trabalho.

Comparando os nossos programas e livros didáticos com os daqueles países, vemos que nossas exigências são muito superiores. Pedimos no 1º ano o que eles prevêem para o 2º; exigimos no 4º (quando nossos alunos tiveram tempo de estudo equivalente a 2 anos daqueles países) e que eles exigem no 6º.

Quando se reformam os programas, é para pedir sempre mais, levando em conta apenas a experiência de uma comissão de elite, com as crianças mais capazes. Dosar melhor os programas tornar-se impossível nas condições atuais, pois ainda não chegamos à fase de elaboração de programas experimentais. Os que são apresentados nesse caráter não partem de experiências válidas, com grupos diferentes de criança, nem são acompanhados em seus efeitos e devidamente reformulados em consequência.

As provas de promoção são outro fator de entrave no sistema. Quando entregues a órgãos centrais são em geral exigentes em demasia; se entregues ao professor medem, com frequência, conhecimentos sem importância ou fora do nível de compreensão das crianças.

Tudo isso está a revelar uma falha básica - a do próprio conceito de escola primária. A Escola Primária não pode mais ser encarada primordialmente como um grau de ensino destinado a levar todos os alunos a atingirem um resultado idêntico, fixado pela escola média. Essa idéia errônea vem comprometendo até mesmo o esforço de algumas escolas primárias renovadas. A escola média - cuja didática é ainda mais atrasada que a da primária - exige para o Curso de Admissão noções puramente memorizadas, casos de exceção, dificuldades especiais. Raramente os concursos de admissão medem a capacidade de redigir, porque isso cria dificuldade aos examinadores. Em português podem principalmente gramática, que os países mais avançados só ensinam nos cursos médios. Em Matemática ainda estão presos a problemas do século passado, falsos problemas, impossíveis de ocorrer (como o de indivíduo que sabe que há num galinheiro (!) galinhas e coelhos, contou os pés de todos, sabe qual a soma deles e a diferença, mas não pode identificar os pés das galinhas e dos coelhos).

Nos Estados que exigem o certificado do curso primário para ingresso no médio a situação se agrava - inúmeras crianças desde o 2º ano primário se dirigem aos "cursinhos de admissão" que realizam simples adestramento para os exames e abandonam ou colocam em segundo plano a escola primária. Essas crianças vão engrossar o contingente dos repetentes de 1ª e 2ª séries do ensino médio, mais numerosos do que os do ensino primário.

O certificado do curso primário do Estado, que deveria, pela LDB, ser documento necessário e conforme parecer do CFE é suficiente para **ingresso** no ensino médio é aviltado pelo próprio Estado, que não o reconhece como válido sequer para ingresso nas escolas médias públicas.

Qual o erro básico cometido? É que estamos com um conceito de educação primária de séculos passados. A escola primária não é essencialmente, repetimos, um grau de ensino, com uma tarefa marcada em termos de instrução. Ela é a escola para a infância. Deve atender a todas as crianças e dar a cada uma aquilo que sua capacidade permitir, conforme o princípio de igualdade de oportunidades, básico na democracia.

Todos devem ter oportunidade de desenvolver ao máximo suas potencialidades e como estas são diversas, o ensino não pode ser igual para todos. E todos têm direito a condições essenciais para que se desenvolvam condições essas que não podem ser desrespeitadas: por exemplo, direito a uma carga horária suficiente para permitir um rendimento razoável, direito a um professor que domine a sua tarefa. Quando submetemos crianças a iguais programas e exames e damos a umas 4h 30 de aula e a outras 3, estamos cometendo uma injustiça social para com as últimas. E, principalmente, se essas são crianças cujos pais não têm capacidade para ajudá-las em casa, propiciando o que falta na escola.

Se a educação é processo que se dá no indivíduo, se os indivíduos são diferentes, e se a democracia é juntamente baseada no aproveitamento das diferenças individuais e no aperfeiçoamento do indivíduo até onde sua capacidade permite, a primeira condição para uma organização escolar eficiente é ser flexível.

Na situação atual, mais de 80% dos alunos (taxa que engloba as crianças de inteligência média, isto é, normal) repete o ano ou se evade e apenas 16% seguem o curso, normalmente, isto é, conseguem realizar no tempo previsto o que se exige de todos. Ora, 16% corresponde exatamente à proporção dos alunos de inteligência superior. É, pois, claro que nas condições atuais do ensino e de exigências, só um grupo muito selecionado está vencendo o que é exigido de todos. A barreira de passagem de 1º ano a 2ª série primária é maior que a da entrada no curso médio e no ensino superior onde há limite de vagas.

Esses índices esclarecem a maneira como as crianças são atendidas, a falta de adequação entre o que é exigido e as condições oferecidas, de um lado, e as possibilidades das crianças, de outro.

Se compararmos a distribuição dos alunos pelas séries escolares, na escola primária em 1958 e a atual de 1965, vemos que não houve nenhum progresso; a situação é de completo imobilismo. Aumentou, sem dúvida, o contingente de crianças recebidas pela escola, e de maneira bastante significativa - o que revela o esforço que as administrações vêm dispendendo - mas em nada melhorou a forma de atendimento das crianças. A perda do que foi dispendido, em valores absolutos, aumentou, pois, na mesma proporção em que cresceu a matrícula.

Que fatores principais são responsáveis por esse estado de coisas?

Em 1º lugar, faltam as condições básicas para que o trabalho se possa realizar com eficiência - condições de tempo e de espaço. São comuns as salas superlotadas e o tempo de que se dispõe para o curso primário é absolutamente insuficiente (Vide III Conferência Nacional de Educação INEP-MEC - pág. 217).

Com escolas de dois turnos e 4h30 de aula diária ou com 22 horas semanais, temos pouco mais de 3.000 horas de aula para 4 anos de curso. Isso corresponde a 3 anos de curso nos Estados Unidos, entre 2 e 3 na França, Inglaterra, Suíça e Suécia, que oferecem para o curso primário o dobro do tempo que o Brasil está propiciando.

Nas escolas de 3 turnos - tão comuns - a situação é mais grave: 4 anos de curso no Brasil correspondem, em carga horária, a menos de 2 anos na Suíça e a pouco mais de 2 anos nos demais países citados.

Levando-se em conta o preparo de nossos professores - quase a metade leigos e os formados preparados muitas vezes em escolas normais sem sequer classes de demonstração - com o dos professores dos países citados - preparados em nível universitário - parece clara a conclusão: há muito que fazer para melhorar a situação.

Que soluções vêm sendo tentadas? A mais comum é a mudança do sistema de promoção. Nos Estados em que foi efetivada, não resultou em maior flexibilidade. Comparando 3 capitais em que foi instituído o sistema (Recife, Guanabara e Porto Alegre) com 3, equivalentes, em que não houve essa mudança (Belo Horizonte, São Paulo e Salvador) verificamos que o tempo médio que levam os alunos para chegar ao 2º e ao 4º ano é praticamente equivalente num e noutro caso.

Nos sistemas que tentam tornar-se mais flexíveis, não se recorre em medidas como a constituição de turmas de tipo especial para as crianças que evoluem normalmente. Essas turmas que deveriam ser em pequena proporção (no máximo 20%), constituem a maioria, a atestar a falência da medida tentada.

Tem faltado às administrações um controle dos resultados das medidas tomadas e muitas de nossas reformas de sistema de promoção e de programas - embora bem intencionadas - têm levado, às vezes, a agravar a situação, sem que os administradores se apercebem do fato.

Um dos grandes objetivos da Operação Escola é implantar a mentalidade do controle do que está ocorrendo e da análise dos fatores que estão influenciando para melhorar ou piorar a situação.

Uma das medidas, por exemplo, que foi adotada por alguns Estados e se foi alastrando a ponto de atingir a metade do país está agravando de muito a situação, sem que o fato tenha sido percebido, na maioria dos casos. Trata-se de divisão da 1ª série em 2 ou 3 anos escolares. Os Estados que a adotaram baixaram sua produtividade a menos de metade porque, além de criar problemas para o professor, que recebe alunos com preparação muito diversa e abandona o que já foi obtido, reiniciando o trabalho, tem efeito sugestivo no sentido de reduzir o ritmo das atividades. Num Estado que acompanhamos de perto, a promoção do 1º ao 2º ano caiu de 56 para 10%. Como no 1º ano está a metade da população escolar, a reprovação anual, de cerca de 50% das crianças, que ocorre no nosso país, redundou numa perda de 25% do total que se gasta com o ensino primário.

Será, então, medida negativa a mudança do sistema de promoção? Claro que não, mas ela precisa ser precedida de preparo do professor e ir de par com mudanças de programas e de exigências feitas, sem o que se converte em medida inócua ou contraproducente.

Com o objetivo de prestar assistência técnica e oferecer subsídios aos Estados que a desejem, vem o INEP estudando a articulação da Escola Primária com a média, a constituição da Escola Integrada para atender ao período de escolaridade obrigatória, e os programas e exigências feitas na escola primária de 9 países dos mais desenvolvidos.

Iniciou um levantamento da situação do 1º ano, no qual está o maior contingente de alunos da Escola Primária, e que vêm oferecendo um mínimo de retribuição, pois - de um grupo em que cerca de 50% já são repetentes, mais de 40% ainda são reprovados. Isso significa que 50% dos gastos do ensino primário são feitos com a 1ª série e cerca de 25% são perdidos.

O fato é especialmente grave, pois todos os países desenvolvidos conseguem alfabetizar pelo menos 90% das crianças em 1º ano.

O levantamento referido dirá quais as dificuldades das crianças e que fatores estão levando ao fracasso. O INEP apresentará aos Estados resultados do levantamentos para que possam orientar o trabalho de assistência ao 1º ano.

Oportunidades de aperfeiçoamento do pessoal serão geralmente postas à disposição das Secretarias de Educação, precisarão ser constituídos staffs devidamente preparados e será indispensável que o trabalho alcance o professor. A maioria das reformas fracassa por não atingir o mestre em classe, que é quem de fato dirige a obra educativa. Poderemos ajudar o professor, criando condições favoráveis a seu trabalho - condições de preparo, de estímulo, de segurança financeira - podemos dificultar o trabalho do professor ou levá-lo ao fracasso, se o tempo de aula for insuficiente, houver falta de equipamento e material, programas excessivos etc.

O êxito ou fracasso da Operação-Escola, em cada unidade da Federação, ficará patente na avaliação que será realizada e que dirá, em cada caso, da eficiência ou não das medidas tomadas.

A experiências que vimos realizando na Escola Experimental da Guanabara, e, agora, em 5 escolas de população favelada da Guanabara e em mais 5 Estados da Federação nos está inclinando a concluir, por exemplo, que os fatores referidos, em especial os métodos e recursos do ensino, têm grande influência na promoção, (1) e que a assistência médica adequada será, talvez, outro fator decisivo para a melhoria da situação do 1º ano.

---

(1) Na Escola Guatemala o índice de aprovação no 1º ano subiu de 51 para 98%.

Constitui ponto pacífico que se torna necessário um melhor aproveitamento das verbas aplicadas em educação e que isto só será possível se melhorar a qualidade do trabalho desenvolvido nas escolas em geral e em cada classe em particular.

Precisamos acompanhar o que está ocorrendo - verificando o que vem prejudicando o trabalho e o que o favorece - para orientar nossos esforços no sentido de tornar a escola mais produtiva e liberar, em consequência, verbas para atingir as crianças que se acham fora da escola e para assistir condignamente as que nela ingressam, uma vez que será injusto trazer mais crianças para a escola para submetê-las a um fracasso certo.

Educação, em certos aspectos, se assemelha à saúde. Assim como não seria desejável trazer mais doentes do que os que os hospitais comportam, fixando um prazo de permanência insuficiente ou dividindo as doses dos remédios abaixo do que permitiria a cura a fim de atingir um maior número, também não poderíamos trazer crianças para a escola para atendê-las, na expressão feliz de nosso Secretário Geral, de maneira indigna. Por isso a Operação-Escola se preocupa em colocar mais crianças na escola, sem perder de vista os aspectos qualitativos.

Não nos esqueçamos que as crianças que estão fora da escola não são as de classe média ou de famílias especialmente interessadas em educar. São os filhos de pais analfabetos, as crianças dos lares mais humildes, de condições de saúde mais precárias, que - sem escola ou com uma escola insuficiente - são candidatas à marginalização.

Nossa responsabilidade é imensa, mas sei que os Senhores estão à altura de enfrentar os problemas existentes, concorrendo, assim, de maneira decisiva, para a tarefa do desenvolvimento nacional.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS

OPERAÇÃO-ESCOLA

Subsídios para uma Reformulação do Ensino Primário Brasileiro

Grupo de trabalho:

Lúcia Marques Finheiro

Nise Fires

Norma Cunha Osório

Setembro de 1968

## OPERAÇÃO - ESCOLA

META GERAL - Elevação do nível de atendimento do ensino primário brasileiro, com a expansão quantitativa dos sistemas escolares e o aumento de produtividade do ensino primário.

### I. Aplicação do conceito de produtividade à educação

A produtividade em educação permite que esta se torne fator ponderável para o desenvolvimento econômico e social do país, proporcionando aos educandos uma formação desejável, tendo em vista os objetivos sociais, políticos e econômicos nacionais.

A formação adequada, que vá sendo oferecida aos indivíduos, permitirá que eles tenham melhores condições de satisfazer suas necessidades e aspirações pessoais, colocadas num nível mais alto.

O aumento da produtividade em educação se traduz por um fluxo mais rápido das crianças escolarizadas, a par da formação, pela escola, de produtos de melhor nível de qualidade, em termos dos objetivos amplos da educação e mais adequados às necessidades sociais e econômicas.

### II. Produtividade atual do ensino primário brasileiro

O nosso ensino primário apresenta condições baixíssimas de produtividade. Assim: cerca de 1/3 das crianças em idade escolar não freqüenta a escola; o índice de evasão é de, no mínimo, 34%; cerca de 50% dos alunos de nível primário estão na 1.<sup>a</sup> série escolar; o custo do aluno aprovado corresponde a duas vezes e meia, em média, o custo do aluno-ano.

### III. Causas da baixa produtividade do ensino primário

Tais causas são múltiplas e complexas e, entre elas, destacamos:

- os currículos e programas de curso primário são extensos, mal dosados, não levando em conta as condições da criança e a carga horária disponível
- os sistemas de promoção exigem padrões demasiado elevados
- os professores, de um modo geral, não têm preparo conveniente
- o curso primário é de duração insuficiente na maioria dos Estados
- a carga horária é absolutamente insatisfatória

### IV. Soluções propostas

#### A - Considerações preliminares

Vivemos numa sociedade democrática e um dos princípios básicos desse regime é o da igualdade de oportunidades para todos, de forma que cada indivíduo tenha a possibilidade de se desenvolver ao máximo, dentro de suas capacidades.

Sendo os indivíduos diferentes uns dos outros, não é possível fixar uma quota de conhecimentos a serem dominados indistintamente pelos alunos, sem levar em conta as variações de inteligência, aptidão, interesses, necessidades.

Assim, a primeira condição de um sistema democrático de ensino é ser flexível, principalmente em relação a programas e métodos.

Nossos programas são geralmente únicos, por série escolar, em cada Unidade da Federação. São, além disso, ambiciosos: pedem na 1.<sup>a</sup> série o que países mais adiantados pedem na 2.<sup>a</sup> série, na 4.<sup>a</sup> o que é pedido na 6.<sup>a</sup> e assim por diante(1), devendo ser lembrado o fato de que a nossa carga horária é inferior à daqueles países.

Assim, a maioria dos sistemas escolares brasileiros ainda se limita a 4 anos e, devido à nossa pequena carga horária, êsses 4 anos de estudo, numa escola de 4 horas diárias de aula e 22 semanais, correspondem a:

3,1 anos nos Estados Unidos  
2,8 anos na França  
2,6 anos na Inglaterra  
2,8 anos na URSS  
2,7 anos na Suécia  
2,4 anos na Suíça

Quatro anos numa escola primária de 3 horas diárias de aulas e 17 semanais correspondem a:

2,5 anos nos Estados Unidos  
2,3 anos na França  
2,1 anos na Inglaterra  
2,3 anos na URSS  
2,2 anos na Suécia  
1,9 anos na Suíça

As provas não medem o essencial e são demasiado exigentes, detendo-se em minúcias inúteis.

Essas condições destroem a flexibilidade da educação que é oferecida a nossos alunos, dando como resultado que a proporção entre os que cursam o 4.<sup>o</sup> ano e os alunos de 1.<sup>o</sup> seja, em média, de 16%, quando deveria ser de mais de 80% (100% - taxa de aumento da população escolar em 4 anos) (2). Levando em conta que apenas 16% das crianças têm inteligência abaixo da média (3), se mais do que essa percentagem é reprovada ou considerada deficiente e necessitando de recuperação, o ensino não está sendo adaptado às condições das crianças, nem atendendo às diferenças individuais.

Pelo exposto, verifica-se que é urgente e inadiável uma reformulação do ensino primário. Considerando as deficiências técnicas desse ensino, julgamos que as soluções propostas devem basear-se nas condições existentes, para elevá-las gradual e controladamente.

(1) V. "Serão adequados os programas brasileiros de curso primário?" trabalho apresentado pelo INEP na III Conferência Nacional de Educação.

(2) Essa taxa foi, para o período 1962-1965, de 18%.

(3) O esperado seria que apenas êsses 16% não concluíssem os 4 anos de curso primário em 4 anos, mas acontece justamente o contrário: 84% não concluem o curso em 4 anos, o que é conseguido apenas pelos 16% mais bem dotados.

## B.- Providências desejáveis

1 - Reforma de programas no sentido de se adaptarem às condições das crianças; proposição de programas diversificados para atenderem às diferenças individuais. Estudo Experimental desses programas.

2 - Mudança das provas no sentido de que meçam o essencial e atendam ao desenvolvimento psicológico da criança em cada etapa escolar.

3 - Abolição do regime que prevê a realização da 1ª série em mais de um ano letivo (1), o que leva à baixa de produtividade da escola (V. quadros 1 e 2).

4 - Mudança da mentalidade de professor para que aceite as modificações, integrando-se à Operação-Escola.

5 - Incentivo ao professor, premiando-o pelo aumento da produtividade, inclusive com estímulos financeiros.

6 - Organização de turmas por idade dentro da série escolar. Adotando como primeiro critério a série e como segundo a idade, encaminhamento para um mais adequado sistema de promoção.

7 - Promoção mais flexível.

É importante a seqüência em que tais medidas sejam tomadas. A mudança do sistema de promoção, por exemplo, deve ser precedida da reformulação de currículos, programas e provas e do preparo do professor, pois, do contrário, não atingirá os objetivos a que se propõe. Estudos realizados sobre os resultados obtidos em Estados que mudaram seu sistema de promoção sem aqueles cuidados prévios revelaram que o tempo médio que as crianças levaram para chegar à 4ª série foi o mesmo despendido pelos alunos de outros Estados não sujeitos à promoção flexível; não se verificou, pois, o avanço ou o fluxo mais rápido das crianças através dos níveis de ensino, que é um dos objetivos desse tipo de promoção.

As medidas propostas, que devem ser adotadas em cada Unidade da Federação, atendendo às condições que lhes são peculiares, contarão com a colaboração do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos nos seguintes aspectos:

1 - preparo de líderes para instituir a reformulação do ensino e avaliar, a cada passo, os resultados obtidos

2 - apresentação de sugestões e auxílio prático na elaboração de currículos, programas (2) e provas e no preparo de pessoal

3 - realização de pesquisas a curto prazo sobre os pontos críticos a serem atacados nas várias medidas a serem tomadas

4 - apresentação de trabalhos e experiências já vividas nas escolas experimentais do INEP

5 - estudos sobre construções escolares - localização, adequação de condições, custos.

(1) Neste regime, os alunos são promovidos, por exemplo, da 1ª série preliminar para a "1ª série adiantada" e não para a 2ª série. O sistema leva o professor a retardar o processo de alfabetização dos alunos.

(2) O INEP está estudando programas de 9 países dos mais desenvolvidos do mundo, com vistas a colher sugestões para oferecer aos Estados.

V. Cronograma das atividades a serem desenvolvidas até dezembro de 1969

PERÍODO	ATIVIDADE
Setembro/Outubro 1968	<ol style="list-style-type: none"> <li>1 - Preparo, pelo INEP, de uma prova-diagnóstico a ser aplicada a 10% dos alunos de 1º ano primário da rede escolar pública das capitais dos Estados e Territórios. O objetivo da prova é diagnosticar a situação atual do ensino no 1º ano, tendo em vista fixar a influência que os seguintes fatores estejam exercendo na aprendizagem e rendimento escolar: critérios de promoção, preparo do professor, mudança de professor durante o ano, carga horária, materiais de ensino.</li> <li>2 - Preparo, ainda, de um questionário destinado aos diretores e outro aos professores das escolas da amostra.</li> </ol>
De 1º/novembro a 15/dezembro de 1968	<ol style="list-style-type: none"> <li>1 - Reunião de estudos com os Diretores dos Departamentos de Educação Primária Estaduais, com os Diretores das Divisões de Educação dos Territórios e respectivos assessôres para encaminhamento da reformulação do ensino primário.</li> <li>2 - Aplicação, sob a responsabilidade das Secretarias de Educação estaduais e das Divisões de Educação dos Territórios, da prova-diagnóstico do INEP.</li> <li>3 - Remessa - pelas Secretarias de Educação estaduais e pelas Divisões de Educação dos Territórios - ao INEP, do seguinte material: <ul style="list-style-type: none"> <li>- questionários, devidamente completados, dos diretores e professores das escolas da amostra</li> <li>- listas de resultados, por turma da amostra, das provas-diagnóstico</li> <li>- listas de resultados - por turma da amostra - das provas de promoção a que os alunos tenham sido submetidos, com a indicação da promoção ou reprovação de cada aluno</li> <li>- modelo da prova de promoção aplicada no Estado ou Território e indicação do critério pelo qual os alunos foram promovidos ou reprovados.</li> </ul> </li> </ol>
2ª quinzena de dezembro de 1968 Janeiro de 1969	<ol style="list-style-type: none"> <li>1 - Análise estatística dos resultados obtidos nos dois tipos de provas, com vistas a verificar a influência dos fatores já referidos.</li> <li>2 - Interpretação desses resultados e conclusões a serem tiradas dos mesmos.</li> </ol>
Fevereiro de 1969	<p>Considerando as conclusões da pesquisa feita e tomando como base o estudo que está sendo realizado pelo INEP sobre os sistemas de ensino de 9 países de avançado nível educacional, apresentação de sugestões que levem a:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• critérios mais convenientes de promoção do 1º ao 2º ano</li> <li>• programas mais adequados de 1º e 2º ano</li> <li>• tipos de organização de turmas de 1º e 2º ano</li> </ul>

Março de 1969 Julho de 1969	Duas reuniões anuais, de um mês cada uma, para preparar os <u>staffs</u> que irão orientar a reforma.
De março a dezembro de 1969	Assistência técnica, fornecida pelo INEP, às cidades envolvidas na Operação-Escola, para acompanhamento, adequação e avaliação do trabalho.

O cronograma das atividades a serem desenvolvidas a partir de janeiro de 1970 será estabelecido posteriormente, em função das condições de cada uma das Unidades da Federação.

A reformulação a ser empreendida em 1969 atingirá os alunos de 1º e 2º anos, dos pontos de vista de: organização de turmas, adequação de programas e de critérios de promoção e orientação ao professor. Em 1970, deverá atingir, nos mesmos aspectos, os alunos de 3º e 4º anos.

Serão considerados, ainda, outros problemas: programas para a 5ª e 6ª séries primárias; programas para uma escola integrada de 8 anos; entrosamento entre os cursos primário e médio; levantamento das atividades de trabalho que podem ser exercidas por egressos do curso primário, mediante preparo em serviço, levando-se em conta as necessidades do mercado de trabalho.

Tal reformulação, desenvolvida ano a ano, considerando a situação de cada Estado, em caráter experimental, sujeita a avaliações periódicas, permitirá que, em pouco tempo, o ensino primário eleve a sua produtividade - os alunos serão atendidos adequadamente, aumentará o fluxo, diminuirão a repetência e a evasão e a escola formará produtos mais qualificados.

PRODUTIVIDADE (1) DA 1ª SÉRIE  
 NAS CAPITAIS DOS ESTADOS QUE SUBDIVIDEM A 1ª SÉRIE EM 2 OU MAIS ANOS

QUADRO 1 a

Evasão e aprovação sem promoção

CAPITAIS DO BRASIL	1965			1966	Diferença entre matrícula e expectativa de matrícula	Evadidos(2) e aprovados num tipo de 1º ano, não promovidos ao 2º ano
	Aprovados no 1º ano	Reprovados no 2º ano	Expectativa de matrícula no 2º ano	Matrícula 'inicial' do 2º ano		
Manaus	13.023	761	13.784	7.827	5.957	43,21%
Recife	34.651	2.955	37.606	24.895	12.711	33,30%
Bom Vista	1.625	183	1.808	996	812	44,91%
Goiânia	12.967	1.560	14.527	7.850	6.677	45,96%
Teresina	10.138	1.073	11.211	5.396	5.815	51,36%
João Pessoa	5.486	759	6.245	4.113	2.132	34,13%
Belém	18.728	3.150	21.878	17.470	4.408	20,14%
Aracaju	4.520	803	5.323	3.658	1.670	31,34%
Natal	7.289	1.534	8.823	5.597	3.226	36,56%
Guanabara	44.548	53.282	97.830	75.587	22.243	22,73(3)
T O T A L	152.975	66.065	219.040	153.389	65.651	29,97%

NAS CAPITAIS DOS ESTADOS QUE NÃO SUBDIVIDEM A 1ª. SÉRIE

QUADRO 2 a

Evasão

CAPITAIS DO BRASIL	1965			1966	Diferença entre matrí- cula e ex- pectativa	Evasão
	Aprovados no 1º ano	Reprovados no 2º ano	Expectativa de matrícula no 2º ano	Matrícula inicial do 2º ano		
Niterói	10.415	533	10.948	9.600	1.348	12,31%
Curitiba	11.367	1.362	12.729	12.725	4	0,03%
Rio Branco	3.200	333	3.538	1.464	2.074	58,62%
São Luís	5.570	1.302	6.872	6.525	347	5,04%
Maceió	7.601	1.194	8.795	5.321	3.474	39,49%
Florianópolis	3.454	1.067	4.521	4.519	2	0,04%
Porto Alegre	16.574	3.773	20.347	20.197	150	0,73%
Brasília	7.182	2.577	9.759	9.521	238	2,43%
B. Horizonte	27.455	6.382	33.837	32.090	1.747	5,16%
Vitória	2.922	820	3.742	3.629	113	3,01%
Cuiabá	4.874	540	5.414	2.405	3.009	55,57%
São Paulo	112.661	34.362	147.023	152.329	5.306	3,63%
T O T A L	213.275	54.250	267.525	260.325	12.506(4)	6,67%

- (1) A produtividade é maior quando a taxa de evasão e reprovação é menor. Supondo que a taxa de evasão seja idêntica nos dois grupos de Estados, os do 2º grupo terão, em média, mais 24% de reprovações do que consta no Anuário.
- (2) Entre o final de 1965 e o início de 1966.
- (3) Cf. Anuário Estatístico de 1967, Fundação IBGE - Instituto Brasileiro de Estatísticas.
- (4) Neste total não foi incluído S. Paulo, tendo em vista que a matrícula foi maior que a expectativa, fenômeno que pode ser explicado pelo ingresso na escola de crianças já alfabetizadas e se dá no Estado de S. Paulo em geral.

QUADRO 3

Produtividade dos sistemas escolares das capitais brasileiras até a 4a. série primária (1).

ANO DE 1965

CAPITAIS DO BRASIL (sem subdivisão da la. série)	Total de alunos aprovados - 4a. série	Total de alunos da la. série (matrícula inicial)	Índice de produtividade (%)
Niterói	5.226	13.466	39
Curitiba	8.913	16.973	53
Rio Branco	517	5.463	9
São Luís	2.623	9.472	28
Maceió	2.338	13.144	18
Florianópolis	2.332	6.179	38
Pôrto Alegre	11.234	32.961	34
Brasília	3.284	13.136	24
Belo Horizonte	16.493	50.126	33
Vitória	1.613	6.320	26
Cuiabá	962	6.919	14
T O T A L	55.435	174.159	32

QUADRO 4

Produtividade dos sistemas escolares das capitais brasileiras até a 4a. série primária (2).

CAPITAIS DO BRASIL (com subdivisão da la. série)	Total de alunos aprovados - 4a. série	Total de alunos da la. série (matrícula inicial)	Índice de produtividade (%)
Manaus	3.051	17.521	17
Recife	11.044	41.553	27
Boa Vista	247	2.225	11
Goiânia	2.637	17.627	15
Teresina	1.657	17.311	10
João Pessoa	1.867	10.260	18
Belém	9.213	12.674	73
Aracajú	1.447	7.153	20
Natal	2.456	12.705	19
Guansbara	13.834	209.176	7 (3)
T O T A L	47.503	348.205	14

Observação: A produtividade foi calculada pelo índice  $\frac{\text{Alunos aprovados na 4a. série}}{\text{Matrícula inicial na la. série}}$

(1) Estados que não subdividem a la. série

(2) Estados que subdividem a la. série

(3) Dados extraídos do Anuário Estatístico (1967), IBGE.

COMISSÃO DO LIVRO TÉCNICO E DO LIVRO DIDÁTICO  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

Senhor Diretor:

Como é do conhecimento de V.Sª, a COLTED iniciará em 1969 a distribuição de livros aos alunos de tôdas as escolas primárias das capitais das várias unidades federadas. Para orientar-se a respeito da escolha dos livros referidos, enviou, em setembro passado, um questionário às escolas, pedindo aos professôres que se pronunciassem sôbre os livros que gostariam que seus alunos recebessem gratuitamente para uso em classe.

Muitas escolas receberam, ainda, uma biblioteca amostra: a chamada Biblioteca COLTED.

A fim de podermos realizar cada vez melhor a tarefa que nos cabe, vimos solicitar-lhe o preenchimento do questionário anexo, que deverá ser devolvido, juntamente com os questionários destinados aos professôres de 1º ano e com as listas de resultados dos testes — diagnóstico do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos.

Esse material, depois de completado, deve ser enviado com a máxima urgência ao Diretor do Ensino Primário dêsse Estado.

Agradecendo a constante colaboração de V.Sª, cumprimento-o cordialmente.

CORONEL ARY LEONARDO PEREIRA

Diretor Substituto da COLTED

Estado ..... Cidade .....

Escola .....

Enderêço .....

### QUESTIONÁRIO SÓBRE MATERIAL ENVIADO PELA COLTED

Observação — Assinale com uma cruz nos quadrados as respostas adequadas. Conforme o caso, poderá marcar mais de uma resposta por item.

1 — Sua escola recebeu a Biblioteca COLTED?

Sim.

Não.

2 — Em caso afirmativo, a Biblioteca já está sendo utilizada?

Sim.

Não.

3 — Em caso de estar sendo usada, quem a utiliza com mais frequência?

Os alunos.

Os professôres.

Outras pessoas. Quais? .....

.....  
.....

4 — A Biblioteca COLTED tem sido utilizada

por professôres da escola.

por alunos e professôres da escola.

por professôres de outras escolas.

por outras pessoas. Quais? .....

.....  
.....

5 — A Biblioteca COLTED ainda não pôde ser utilizada porque

a escola não dispõe de local para leitura.

os livros não estão fichados.

não há bibliotecária.

Outras razões. Quais? .....

.....

**Não escrever  
nesta coluna**

Não escrever  
nesta coluna

6 — Sua escola recebeu, em setembro, o questionário da COLTED sobre o Plano-Piloto de escolha de livros para os alunos?

Sim.

Não.

7 — Em caso afirmativo, como os questionários chegaram à sua escola?  
Por intermédio

do correio.

da Secretaria de Educação.

de um técnico da COLTED.

de outra maneira. Qual? .....

8 — O Guia Bibliográfico que acompanhou o questionário

a) não foi de grande utilidade porque

os professores já sabiam os livros que desejavam.

não trazia informações sobre o conteúdo dos livros.

os professores já estavam orientados sobre os melhores livros a escolher.

era incompleto.

Outra razão. Qual? .....

b) foi útil porque permitiu

verificar o número de código do livro.

conhecer a relação de todos os livros didáticos existentes no Brasil.

conhecer a relação dos livros entre os quais podia ser feita a escolha.

Outra razão. Qual? .....

9 — O preenchimento do questionário foi realizado com a participação

da totalidade dos professores por série.

da maioria dos professores por série.

de alguns professores.

Em outra situação. Qual? .....

Não escrever  
nesta coluna

10 — Os professores receberam orientação para o preenchimento do questionário?

Sim.

Não.

11 — Em caso afirmativo, quem deu essa orientação?

O diretor da escola.

Pessoal da Secretaria de Educação do Estado.

Outra pessoa. Quem? .....

.....

12 — Houve dificuldade no preenchimento do questionário?

Sim.

Não.

13 — Em caso afirmativo, assinale a dificuldade ou dificuldades encontradas:

pouca clareza do questionário.

excesso de itens.

dificuldades de reunir os professores para darem as respostas.

dificuldade de obter concordância entre professores para a escolha dos livros.

pouco tempo disponível.

dificuldade de, escolhendo apenas dois livros, poder atender a alunos de capacidades diferentes.

Outras causas. Quais? .....

.....

.....

.....

14 — No caso de, no futuro, haver inquéritos semelhantes, que sugestões tem a apresentar para a melhoria do trabalho?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

1. ELEMENTOS PARA O CARTÃO - continuação

DADOS DO PROFESSOR

ANEXO 2 (b)

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25a 25b	26	27
2P Curso mais alto: de 1 a 7	7P Sem ori- entador: 6 e de 1 a 5	8P Anos re- gência: 1 ano: 1 2-5 : 2 6-15 : 3 + 15 : 4	9P Regência 1º ano: Menos de metade de 8P: 1 Metade de 8P: 2  Mais de metade 8P: 3 Igual a 8P: 4	13P método de 1 a 7 Nulo: 8	4P Sem cur- so: 3 concor- da com 13P: 1 não con- corda com 13P: 2	14P Data de início do método: Calcular em horas a diferen- ça: 14P - 3 Achar a % em rela- ção à car- ga anual (Campo 4) Locar na escala de %: 0-10 01 10-20 02 20-30 03 : : 80-90 11 90 ou mais 12	15P Se partir de sons... calcular em horas a dife- rença 15P-14P Achar a % em re- lação à carga anual - anual -	16P Se par- tir de pala - vras... calcu - lar em horas a diferen- ça 16P-13 "	17P Se par- tiu de senten- ças cal- cular em horas a diferen- ça 17P-13 "	22P Qual? código de 01 a 10 para as 10 prin- cipais cartilhas e de 11 a 15 pa- ra os 5 princi- pais pré- livros	23P Por que escolheu? Em bran- co: 0 Melhor re- sultado: 1 Recomenda- do: 2 Melhor res. e recom.: 3 Orienta- dor indi- cou: 4 Melhor res. e orient. ind.: 5 Dá mais seguran- ça: 6 Outras: 7	Nota da prova do INEP de 000 a 100 rela- ção ane- xa ao quest. Crt. Leit sil	Aprovado pelo INEP sim: 1 não: 2	Aprovado pela Escola sim: 1 não: 2 Ob.: No caso de S. Paulo código 3 (Iniciou experiên- cia dife- rente fi- ca depen- dendo de novo re- sultado em 69)
	1	1	1	1	1	2	2	2	2	2	1	3	1	1

Obs.: As questões que exigirem respostas, quando deixadas em branco, terão código 0.

Nota - Nota - Nota - Nota - Nota -  
Sem res Sem res Sem res Deixar não há  
posta:CO posta: em bran resumo  
00 00 co na para o  
ficha Brasil

## 1. ELEMENTOS PARA O CARTÃO

## DADOS GERAIS

## DADOS DA TURMA

CAMPO	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Item do questionário	Estado	Escola	Turma	1 - 2 - 3	7	8	9	10	11	12	13	1P
Código	01 a 26	001 a n. dentro de cada Estado	de 01 a n dependendo de cada Estado.	Carga horária anual. Em código de 1 a 6	Teste ABC S/teste:8 N.alto: 7 20-24 15-19 N.médio:6 11-14 400-1 8-10 400-500-2 N.fraco:5 500-600-3 5-7 600-700-4 0-4 700-800-5 Alto e médio: 4 800 e+ -6 Alto e fraco: 3 Médio e fraco: 2 Alto,médio e fraco: 1	20:01 21-29:02 30:03 31:04 32:05 33:06 34:07 35:08 36-40:09 41-50:10 51-60:11 60 e+:12	Nº alunos que iniciaram o curso em: Novos: todos em 68 : 1 Repetentes com maioria em 1.ª repetência: 2 Repetentes com maioria em 2a.repetência: 3 Repetentes com maioria em 3.ª repetência: 4 Repetentes com maioria em 4.ª repetência: 5	Majoria da turma composta de 1 a 4	Profissão pai: de 1 a 6	Condição econômica do aluno: de 1 a 6	Nº de professores que regeram de 1 a 5	Emprêgo 1 emprêgo: 1 2 emprêgos: 2
Nºcolunas (total-48)	2	3	2	1	1	2	1	1	1	1	1	1

NOTA: Não há resumo para o Brasil





DIVISÃO DE APERFEIÇOAMENTO DO MAGISTÉRIO — CBPE  
INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

OPERAÇÃO-ESCOLA

Estado: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_

---

---

Prezado professor:

Acaba de ser lançada pelo Governo Federal, em colaboração com as Secretarias de Educação estaduais, a Operação-Escola, que tem como um de seus objetivos a elevação do rendimento do ensino primário.

Cabendo ao Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos prestar assistência ao trabalho de melhoria qualitativa do ensino, estamos recorrendo à sua indispensável cooperação para o encaminhamento mais eficaz do problema.

O rendimento no 1.º ano escolar vem sendo muito baixo, pois em média quase 50% das crianças não são promovidas. Os programas são geralmente extensos e os critérios de promoção mostram-se muitas vezes exigentes.

Não contamos com um diagnóstico atualizado da situação real do 1.º ano e isto é imprescindível para a proposição de quaisquer medidas que levem à melhoria da situação. Com essa finalidade enviamos o presente questionário e os testes de diagnóstico que os acompanham a muitos professores de escolas sorteadas em todas as unidades federadas.

Conhecendo a dedicação do magistério primário, estamos certos de poder contar com sua cooperação no sentido de que o material que lhe remetemos seja completado de forma a mostrar o que está sendo obtido dentro das condições atuais de trabalho, bem como a situação de seus alunos. Não vamos fazer comparação entre os resultados obtidos pelos alunos das várias turmas, nem visar êste ou aquê professor em particular. Interessam-nos apenas os dados globais. Precisamos conhecer os diferentes tipos de situações encontradas em nossas escolas para podermos propor, em bases sólidas, medidas mais eficazes quanto a programas, provas, critérios de promoção. Assim temos certeza de que o presente questionário será respondido com interesse e exatidão e que os resultados dos testes refletirão com fidelidade os conhecimentos de seus alunos.

Cordiais saudações,

+ tipo { a  
b  
C.B.P. }

\_\_\_\_\_  
CARLOS CORRÊA MASCARO  
Diretor do I.N.E.P.

# Questionário de caracterização da turma. Dados relativos ao professor

Escola: \_\_\_\_\_

Enderêço: \_\_\_\_\_

Turma (número, classificação, designação ou nome do professor, no caso de não haver outro meio de identificar a classe) \_\_\_\_\_

## DADOS SÓBRE A TURMA

Não escrever nesta coluna

*Observação* — Nas questões de múltipla escolha assinale com uma cruz a resposta certa. Se necessário, assinale mais de uma resposta.

1 — Horário diário da turma (hora de início e de término das aulas) de.....a.....

2 — Carga horária semanal (total de horas de aula que a turma tem por semana) .....

3 — Data em que se iniciaram as aulas da turma .....

4 — Qual o critério de organização da turma?

- Por idade cronológica.
- Por testes. *ABC*
- Por idade e por testes.
- Por adiantamento.
- Outro critério. Qual? .....

5 — Se a turma foi organizada por idade, qual a idade mínima e máxima, no início do ano? .....

6 — Se a turma foi organizada de acôrdo com o resultado de testes, qual ou quais foram êsses testes? .....

7 — Se a turma foi organizada segundo os resultados do Teste ABC, qual a distribuição dos alunos de acôrdo com êsses resultados?

*Total de pontos no teste*

*Nº de alunos*

- De 20 a 24 ) *F*
- De 15 a 19 )
- De 11 a 14 ) *M*
- De 8 a 10 )
- De 5 a 7 ) *F.*
- De 0 a 4 )

*12/15*  
*nº de hrs. de aula.*

*Exod<sup>o</sup>*

*Matheus*

de 26  
21-29 35  
30-40  
36-41

Não escrever  
nesta coluna

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41
----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----

8 — Número de alunos da turma .....

9 — Número de alunos que iniciaram o curso em

1968 \_\_\_\_\_

1967 \_\_\_\_\_

1966 \_\_\_\_\_

1965 \_\_\_\_\_

1964 \_\_\_\_\_

Antes de 1964 \_\_\_\_\_

Tipos de  
Início

10 — No início do ano a maioria da turma era composta de alunos

- analfabetos.
- iniciados.
- quase alfabetizados.
- alfabetizados.

11 — A maioria dos pais dos alunos da turma exerce que tipo de profissões?

- Ocupações braçais (carregadores, lavradores, operários, pescadores, empregados domésticos, pintores, feirantes etc.)
- Empregados subalternos de escritório ou de firmas comerciais, operários técnicos etc. (Exemplo: datilógrafos, contínuos, balconistas, mecânicos, chefes de turma na indústria, práticos de laboratório)
- Empregados de escritório de nível elevado (contadores, oficiais de Justiça, documentaristas etc.). Proprietários de pequenas lojas, fábricas ou sítios. Professores primários e médios etc.
- Profissionais liberais de nível superior (médicos, advogados, engenheiros, dentistas, professores universitários etc.)
- Ocupações de alta renda (banqueiros, grandes industriais, fazendeiros etc.)
- Outro tipo de trabalho. Qual? .....

Carrel  
1º fase

OBSERVAÇÃO — Se não houver um tipo dominante de trabalho, escrever as três profissões mais comuns dos pais dos alunos:

1 — .....

2 — .....

3 — .....

B 30  
unidade / 7  
mip  
hetti  
1-26

1-25

Não escrever  
nesta coluna

11+12

12 — Os alunos da turma, em sua maioria, são

- pobres.
- de classe média.
- de classe acima da média.

13 — Número de professores que regeram a turma este ano (inclusive o atual professor da turma):

11+12

- 1
- 2
- 3
- 4
- Mais de 4. Esclareça quantos: .....

14 — No caso de ter havido mudança de professor, quais as causas do fato?

- O professor entrou em licença.
- O professor mudou de turma.
- O professor mudou de turno.
- O professor se transferiu de escola.
- Outras causas. Quais? .....
- .....
- .....
- .....

DADOS SÓBRE O PROFESSOR DA TURMA

Caracter

1 — É professor

- estadual
- municipal
- estadual e municipal
- estadual e particular

2 — Assinale o curso de nível mais alto que realizou:

- primário incompleto
- primário completo
- 1º ciclo secundário incompleto
- 1º ciclo secundário completo
- 2º ciclo secundário incompleto
- 2º ciclo secundário completo
- superior. Qual? .....

1 ou 2

1

Não escrever  
nesta coluna

3 — Realizou algum curso de aperfeiçoamento sôbre métodos de ensino da leitura?

- Sim
- Não

4 — Em caso afirmativo, quais os métodos estudados nesses cursos?

- Métodos partindo de letras ou soletração
- Métodos partindo de silabas ou silabação
- Métodos partindo de palavras ou palavração
- Métodos partindo de sentenças ou sentencição
- Ensino por pré-livros
- Outros métodos. Quais? .....

4e13

5 — Que outros cursos de aperfeiçoamento realizou que o ajudam em seu trabalho de professor?

- 1 — .....
- 2 — .....
- 3 — .....
- 4 — .....
- 5 — .....

6 — É auxiliado em seu trabalho docente por algum orientador?

- Sim
- Não

7 — Em caso afirmativo, de que forma o orientador atua na escola?

- Faz palestras para os professôres de tôdas as séries em reuniões gerais.
- Faz palestras ou reuniões de professôres de 1º ano.
- Visita as classes e auxilia o professor nos problemas da turma.
- Visita as turmas de 1º ano e faz reuniões com todos os professôres da 1ª série.
- Desenvolve outros tipos de orientação. Quais? .....

Não escrever nesta coluna

*f. 30 a 35*

8 — Quantos anos tem de regência de classe (até 1968 inclusive)? .....

9 — Quantos anos tem de regência de classes de 1º ano (até 1968 inclusive)? .....

10 — Antes de iniciar a alfabetização da turma, desenvolveu alguma fase preparatória?

Sim

Não

11 — Se desenvolveu uma fase preparatória, quanto tempo despendeu com esse trabalho?

1 semana

2 semanas

3 semanas

1 mês

Mais de 1 mês. Quanto tempo exatamente? .....

12 — Que atividades desenvolveu nessa fase preparatória?

1 — .....

2 — .....

3 — .....

4 — .....

5 — .....

13 — Qual o método de alfabetização que está usando?

Soleturação

Fonação

Palavração

Sentenciação

Misto (História da Abelhinha)

Pré-livro

Outro. Qual? .....

14 — Em que data começou a aplicar o método? .....

*até 2 -*  
*3 -*  
*1º ano*  
*2º ano*  
*6 = 13*  
*10/15*  
*1º ano de 1º ano*  
*1/2 ou 1/3*

*Tempo para*  
*criança*

*4,7*

*1*  
*2*  
*3*  
*4*  
*5*  
*6*  
*7*  
*1*  
*2*  
*3*  
*4*  
*4 e 7*

*14/11*

Não escrever  
nesta coluna

15 — Se partiu de sons, de letras ou de sílabas, em que data iniciou a união  
dêsses elementos para formar palavras? .....

16 — Se partiu de palavras, em que data iniciou a análise destas, em sílabas,  
sons ou letras? .....

17 — Se iniciou a alfabetização dos alunos partindo de sentenças ou histó-  
rias, em que data iniciou a análise das palavras em sílabas, sons ou  
letras? .....

18 — Em sua opinião, quantos de seus alunos deveriam êste ano ser promo-  
vidos à 2ª série? .....

19 — Se há alunos da turma que não aprenderão a ler êste ano, porque, em  
sua opinião, não o conseguiram? Assinale a resposta ou as respostas  
convenientes:

- Baixo nível mental
- Baixo nível sócio-econômico
- Pouca assiduidade
- Condições deficientes de saúde
- Falta de apoio da família
- Problemas emocionais
- Falta de maturidade para a aprendizagem da leitura
- Deficiências sensoriais (de visão, audição etc.)
- O método de alfabetização usado não foi eficiente
- Falta de prática do próprio professor
- O professor teve de abandonar os alunos com dificuldades para atender aos mais aproveitáveis
- O professor não dispõe de recursos para atender a alunos com dificuldades de aprendizagem
- Falta de livro e de material didático
- Houve muita mudança de professôres
- Outras causas. Quais? .....

*Seu nível mental  
iniciou a  
alfabetização*

*10/20*

*Has pad*

Não escrever  
nesta coluna

20 — Os alunos alfabetizados cursarão no próximo ano

- uma turma de 1º ano adiantado.
- uma turma de 2º ano.

21 — Está seguindo este ano alguma cartilha ou pré-livro?

- Sim
- Não

22 — Em caso afirmativo, qual? .....

.....

23 — Por que escolheu esse livro?

- Exige menos material.
- Observou em outras turmas que dá melhor resultado.
- Foi recomendado num curso.
- É mais fácil de ser aplicado.
- O orientador o indicou.
- Encontrou-o numa livraria.
- Dá mais segurança ao professor.
- Outras razões. Quais? .....

.....

.....

24 — As crianças usaram algum livro de leitura depois de alfabetizadas?

- Sim
- Não

25 — Em caso afirmativo, qual? .....

26 — Que outros livros para ensino da leitura no 1º ano você conhece? (cartilhas, pré-livros e leitura silenciosa) .....

.....

.....

*sim*

DIVISÃO DE APERFEIÇOAMENTO DO MAGISTÉRIO - C B P E  
INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS — MEC  
TESTES DE DIAGNÓSTICO — 1968  
INSTRUÇÕES GERAIS PARA APLICAÇÃO

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

1 — Os presentes testes de diagnóstico destinam-se, como o seu nome o indica, a um levantamento das condições dos alunos de 1.º ano. Os dados conseguidos servirão de base para a proposição de medidas relativas a reforma de programas, melhor adequação dos exames, critérios de organização de turmas, número de alunos por turma, material didático necessário etc. Essas provas não serão utilizadas para promoção ou classificação dos alunos nem como critérios de julgamento do trabalho do professor, servindo apenas como instrumentos de uma pesquisa, que visa a fixar as questões em que as crianças encontram maior dificuldade, em que condições está sendo realizado o ensino no 1.º ano (três turnos, assistência alimentar insuficiente etc.) e como essas condições estão afetando os resultados. Conclui-se, pois, que é do máximo interesse que os resultados desses testes de diagnóstico reflitam as condições reais em que se encontram os alunos. Para o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos serão mandadas as provas e as listas de resultados, não figurando nas mesmas os nomes dos professores das turmas. Espera-se a compreensão dos professores para o alcance do presente estudo e o INEP está certo de que os testes serão aplicados adequadamente. Se, por exemplo, a maioria das crianças de determinados tipos de turma pouco tiver aprendido, isto se traduzirá em resultados baixos, que serão analisados para a caracterização de causas e proposição de sugestões para a melhoria das condições de assistência à criança.

2 — Os testes compõem-se de três partes: duas escritas (Parte 1 e Parte 2) e uma oral. Devem ser aplicados no mínimo em três dias, a saber:

- no primeiro dia será feita a Parte 1;
- no segundo a Parte 2;
- no terceiro a Leitura Oral (de acordo com o tamanho da turma, a leitura poderá ser aplicada em mais de um dia).

3 — O professor deverá interessar as crianças na realização do trabalho, prevenindo-as, por exemplo, que nos dias . . . . ., . . . . . e . . . . . irão fazer uns exercícios muito bonitos. Pedirá que não falem à escola.

4 — Os testes serão apresentados não como provas, mas como trabalhos comuns de classe.

5 — O ambiente da sala de aula durante a realização das provas será o habitual: tranqüilo, oferecendo segurança e satisfação às crianças.

6 — O professor terá o máximo cuidado em evitar que os alunos copiem os trabalhos uns dos outros ou dêem respostas em voz alta.

7 — As ordens serão dadas com serenidade, sem que o professor se afaste das instruções de aplicação.

8 — Os alunos trabalharão sòzinhos. Se fizerem perguntas relativas às questões das provas, o professor deverá animá-los, dizendo que respondam como acharem melhor e que naturalmente irão acertar. Dirá, ainda, que procurem responder mas que, se não souberem fazê-lo, deixem a questão em branco, pois isto não terá importância. Mais tarde aprenderão o que ainda não sabem.

INSTRUÇÕES ESPECIAIS PARA APLICAÇÃO

PARTE 1

1 — Estabelecidas condições favoráveis para a realização dos testes, o professor distribuirá as fórmulas, pedindo aos alunos que só escrevam quando receberem ordem para isso. A seguir, chamará a atenção para o cabeçalho, cujo modelo já se deve encontrar no quadro-negro, pedindo às crianças que o preencham. Verificará, depois, se todos os alunos o fizeram devidamente, ajudando aqueles que ainda não o tenham completado ou preenchendo o cabeçalho dos que não souberem fazê-lo.

2 — A seguir, dirá aos alunos: — Vocês irão fazer Leitura Silenciosa. Vamos fazer o primeiro exercício juntos. (O modelo deve ser reproduzido no quadro-negro). Aí estão duas palavras e quatro desenhos. Vamos ler a primeira palavra e procurar o desenho que mostra o que a palavra diz. Vamos agora fazer uma linha que vá da palavra ao desenho. Agora vamos ler a segunda palavra e procurar o desenho que mostra o que ela diz. Cada um de vocês vai fazer uma linha que vá dessa palavra ao desenho. Podem fazer. O professor verificará se as crianças uniram corretamente a palavra ao desenho, pois assim terão mostrado que compreenderam como devem realizar o exercício. Dirá depois:

— Vocês agora vão trabalhar na questão n.º 1 (Mostrar). Vocês têm aí duas palavras e quatro desenhos. Leiam a primeira palavra e procurem o desenho que mostra o que a palavra diz. Façam o mesmo com a segunda palavra.

O professor procederá de modo idêntico nas questões de números 2, 3, 4, 5 e 6 (1ª página), que serão dadas uma a uma.

3 — Os alunos passarão em seguida para a página 2. O professor dirá:

— Vamos, agora, fazer o primeiro exercício juntos. (O modelo deve ser reproduzido no quadro-negro). Aí estão quatro palavras e um desenho. Vamos ler tôdas as palavras e procurar a que diz o que está no desenho. Vamos agora fazer uma cruz no quadrinho que está ao lado dessa palavra. O professor verificará se todos os alunos realizaram corretamente o modelo. Dirá depois:

— Vocês agora vão trabalhar na questão n.º 1. (Mostrar). Vocês têm aí um desenho e quatro palavras. Leiam tôdas as palavras até o fim, procurem aquela que diz o que vocês estão vendo no desenho e coloquem uma cruz no quadrinho ao lado dessa palavra.

O professor procederá de modo idêntico nas questões da Parte B de números 2, 3, 4 e 5, que serão dadas uma a uma.

4 — Os alunos passarão em seguida para a Parte C. O professor dirá:

— Vamos agora fazer um outro trabalho juntos. (O modelo deve ser reproduzido no quadro-negro). Aí estão uma expressão (ou umas palavras) e três desenhos. Vamos ler essa expressão (ou essas palavras) e procurar o desenho que mostra o que elas dizem. Agora vamos colocar uma cruz no quadrinho que está abaixo do desenho do que as palavras dizem. O professor verificará se todos os alunos realizaram certo o modelo e dirá:

— Vocês, agora, irão trabalhar na questão n.º 1. (Mostrar). Vocês têm aí uma expressão (ou umas palavrinhas) e três desenhos. Procurem o desenho que mostra o que as palavras dizem e coloquem uma cruz no quadrinho que está abaixo desse desenho. O professor procederá de modo idêntico nas questões da Parte C de números 2, 3, 4 e 5, que serão dadas uma a uma.

5 — Os alunos passarão em seguida para a página 3. O professor dirá:

— Vamos fazer outro exercício juntos. (O modelo deve ser reproduzido no quadro-negro). Aí estão três frases e um desenho. Vamos ler tôdas as frases e procurar a que diz o que está no desenho. Vamos agora fazer uma cruz no quadrinho que está ao lado dessa frase. O professor verificará se todos os alunos fizeram certo o modelo e dirá:

— Vocês, agora, irão trabalhar na questão n.º 1. (Mostrar). Vocês têm aí um desenho e três frases. Leiam tôdas as frases, procurem aquela que diz o que vocês estão vendo no desenho e ponham uma cruz no quadrinho que está ao lado da frase que diz o que está no desenho. O professor procederá de modo idêntico nas questões da Parte D de números 2, 3, 4 e 5, que serão dadas uma a uma.

6 — O professor recolherá as provas e dará um intervalo de 15 minutos.

7 — Terminada a pausa, os testes serão redistribuídos e abertos na página 4.

O professor dirá aos alunos:

— Vocês irão fazer agora um trabalho de Matemática. Vejam a questão A. (Mostrar). Aí estão umas continhas de somar. (Mostrar). Podem fazer essas continhas. Vocês vão trabalhar até aqui. (Mostrar).

8 — Terminado o trabalho o professor dirá:

— Vejam a questão B. (Mostrar). Aí estão umas continhas de subtrair (ou de diminuir). (Mostrar). Podem fazer essas continhas.

9 — Terminado o trabalho, o professor recolherá os testes.

## PARTE 2

1 — Estabelecidas condições favoráveis para a realização dos testes, o professor distribuirá as fórmulas, pedindo aos alunos que só escrevam quando receberem ordem para isso. A seguir, chamará a atenção para o cabeçalho, cujo modelo já se deve encontrar no quadro-negro, pedindo às crianças que o preencham. Verificará, depois, se todos os alunos o fizeram devidamente, ajudando aqueles que não o tenham completado ou preenchendo o cabeçalho dos que não souberem fazê-lo.

2 — A seguir, dirá aos alunos: — Vocês irão fazer Leitura Silenciosa. Vamos fazer o primeiro exercício juntos. (O modelo deve ser reproduzido no quadro-negro). Aí estão uma pequena história e duas frases incompletas. Vamos ler a história. Agora vamos ler a primeira frase e tôdas as palavras que estão ao lado dela. Vamos ver qual a palavra que completa a frase de acôrdo com a história e colocar uma cruz no quadrinho que está ao lado dela. Vamos, agora, ler a segunda frase e tôdas as palavras que estão ao lado dela. Cada um de vocês vai colocar uma cruz no quadrinho que está ao lado da palavra que completa a frase. O professor verificará se as crianças assinalaram a resposta certa com uma cruz no quadrinho ao lado da mesma, pois assim terão mostrado que compreenderam como devem realizar o exercício. Dirá depois:

— Vocês agora vão fazer o mesmo na história n.º 1. (Mostrar). Leiam a história. Leiam a primeira frase e tôdas as palavras que estão ao lado dela. Marquem o que completa a frase colocando uma cruz no quadrinho que está ao lado da resposta certa. Façam o mesmo com a segunda frase.

O professor procederá de modo idêntico nas questões da Parte E de números 2, 3 e 4, que serão dadas uma a uma.

3 — Os alunos passarão em seguida para a página 3. O professor dirá: — Vocês agora irão fazer um ditado. Explicará que vai ditar uma palavra de cada vez e que deverão escrevê-la na linha que se encontra abaixo do desenho correspondente. Avisará que vai ditar duas vezes cada palavra, mas depois não repetirá palavra alguma.

Começará, então, a ditar clara e pausadamente:

— Na linha abaixo do desenho do boi, escrevam *boi*.

— Na linha abaixo do desenho do remo, escrevam *remo*.

Procederá da mesma forma com as demais palavras, ditando: vela, copo, nota, jaula, fada, gaita, meia, pote, barco, limão, noiva, ferro, saia, escada, milho, grilo, leque, cenoura.

4 — Terminado o ditado, o professor recolherá as provas e dará um intervalo de 15 minutos.

5 — Acabada a pausa, os testes serão redistribuídos e abertos na página 4.

O professor dirá aos alunos:

— Vocês irão fazer agora um trabalho de Matemática. Vejam a letra *a*. (Mostrar e escrever a letra no quadro). Na linha que está ao lado da letra *a* vocês vão escrever o número 39.

Olhem a letra *b*. (Mostrar e escrever a letra no quadro). Na linha que está ao lado da letra *b* vocês vão escrever o número 81.

Reparem na letra *c*. (Mostrar e escrever a letra no quadro). Na linha que está ao lado da letra *c* vocês vão escrever o número de laranjas que há em uma dúzia de laranjas.

Vejam a letra *d*. (Mostrar e escrever a letra no quadro). Na linha que está ao lado da letra *d* vocês vão escrever quantas dezenas há no número 20.

Olhem a letra *e*. (Mostrar e escrever a letra no quadro). Na linha ao lado da letra *e* vocês vão escrever o número que tem 1 dezena e cinco unidades.

6 — Vamos, agora, fazer outro trabalho de Matemática. Reparem na letra *a*. Vou ler para vocês o problema que aí está. Acompanhem a leitura silenciosamente. Depois, façam o cálculo e escrevam o resultado na linha do lado da palavra Resposta. (Mostrar).

O professor procederá de modo idêntico com os problemas *b*, *c*, *d*, *e*, que serão dados um a um.

7 — Terminado o trabalho, o professor recolherá os testes.

DIVISÃO DE APERFEIÇOAMENTO DO MAGISTÉRIO - CBPE  
 INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS — MEC  
 TESTES DE DIAGNÓSTICOS — 1968  
 INSTRUÇÕES PARA APLICAÇÃO DA LEITURA ORAL

Textos para a leitura (cada aluno lê apenas um)	Perguntas a serem feitas
<p style="text-align: center;">FÓLHA 1</p> <p><u>Filó é um pato.</u>  <u>Ele nada na lagoa.</u>  <u>Filó gosta muito de milho.</u></p>	<p>1 — Quem é Filó?            2 — Onde é que Filó nada?</p>
<p style="text-align: center;">FÓLHA 2</p> <p><u>Mimi é um gato sabido.</u>  <u>Ele apanha ratos.</u>  <u>Mimi bebe leite.</u></p>	<p>1 — Quem é Mimi?            2 — Que é que o Mimi bebe?</p>
<p style="text-align: center;">FÓLHA 3</p> <p><u>Dudu é um cavalo.</u>  <u>Ele come fubá.</u>  <u>O cavalinho corre muito.</u></p>	<p>1 — Quem é Dudu?            2 — Que é que o Dudu come?</p>
<p style="text-align: center;">FÓLHA 4</p> <p><u>Lili é uma boneca.</u>  <u>Ela fala mamãe.</u>  <u>Lili tem dois vestidos.</u></p>	<p>1 — Quem é Lili?            2 — Que é que a Lili fala.</p>

1 — A aplicação da prova de leitura oral deve ser feita pelo professor da turma. No caso disso não ser possível, a prova deve ser dada por outro professor de 1º ano.

2 — Os alunos da turma não devem permanecer na sala de aula: serão chamados um a um para realizarem a leitura (1).

3 — O professor chamará a primeira criança que figura na lista de alunos da turma. Pedirá que se sente e em seguida dará à criança a folha para a leitura, dizendo: — "Aqui está uma historinha para você ler. Você gostará dela. Leia com atenção e em silêncio. Quando acabar você lerá em voz alta e eu lhe darei duas perguntas sobre a história".

O aplicador dará 3 minutos no máximo para a leitura silenciosa, findos os quais pedirá que a criança comece a ler em voz alta.

4 — Durante a leitura, o professor não intervirá quando o aluno tiver qualquer erro, limitando-se a anotar, numa lista destinada ao registro da leitura oral (2), o número de palavras lidas erradamente. No caso do aluno não conseguir ler alguma palavra (após um espaço razoável, digamos, de 15 segundos), o professor deverá pronunciá-la, marcando-a como erro.

5 — Se o professor perceber que o aluno não sabe ler, não deverá fazer-lhe as duas perguntas destinadas a medir a compreensão do texto. Em caso contrário, fará as perguntas correspondentes ao texto.

(1) Sugestões para atendimento aos alunos da turma durante a prova de leitura oral:

a) Os alunos ficarão em outra sala, atendidos por outro professor, que os encaminhará um a um para prestarem prova oral.

b) Os alunos, nesse dia, comparecerão à escola apenas para fazerem a leitura oral. Serão marcados 10 alunos por hora. Por exemplo: os 10 primeiros alunos da lista chegarão às 7 horas, os outros 10 chegarão às 8 horas, os 10 seguintes às 9 horas, e assim por diante. Esses alunos ficarão sentados do lado de fora da sala de aula, enquanto esperam a chamada para a leitura. À medida que o aluno que tiver feito a prova sair da sala, entrará outro aluno que esteja esperando do lado de fora.

Terminada a leitura, o aluno volta para casa.

(2) Modelo da lista para registro de leitura oral:

Nome do aluno	Nº de palavras erradas	Nº de pontos perdidos em leitura (8 pontos perdidos em cada erro)	Nota da leitura (80 pontos menos o nº de pontos perdidos pelo aluno)	Nota das respostas às 2 perguntas (10 pontos para cada resposta certa. Máximo: 20 pontos)	Total da prova de leitura (nota de leitura + nota das respostas)
---------------	------------------------	---	--	---	--

6 — Terminada a prova de leitura, o aluno que a realizou sairá da sala, devendo haver o cuidado de que ele não se comunique com os colegas.

7 — Será chamado o segundo aluno da lista e o professor procederá de modo idêntico, continuando até que toda a turma tenha realizado a prova de leitura oral.

Observações sobre o uso das folhas de leitura:

1 — Quando o aluno for chamado para a prova receberá uma das folhas para leitura (1, 2, 3 ou 4) e o professor — para acompanhar e registrar a leitura da criança — usará a lista para registro de Leitura Oral.

2 — Se a turma for pequena e o professor tiver possibilidade de examinar todos os alunos no mesmo dia, utilizará as Folhas 1, 2, 3 e 4 nesse dia (o primeiro aluno chamado lerá a Folha 1, o segundo a Folha 2, o terceiro a Folha 3, o quarto a Folha 4 e assim sucessivamente).

3 — Se o tamanho da turma exigir que a prova seja dada em dois dias, o professor no primeiro dia usará alternadamente as Folhas 1 e 2 e deixará as Folhas 3 e 4 para o segundo dia.

### INSTRUÇÕES PARA JULGAMENTO

1 — Na Parte I, o máximo de acertos é 10. Para a contagem dos pontos serão consideradas apenas as dez palavras sublinhadas. Serão atribuídos 8 pontos para cada acerto.

Máximo de pontos — 80

2 — Na Parte II, serão atribuídos 10 pontos para cada resposta certa. Máximo de acertos: 2.

Máximo de pontos: 20

3 — A nota final de Leitura Oral será a soma dos pontos obtidos pelo aluno nas Partes I e II.

Filó é um pato.

Éle nada na lagoa.

Filó gosta muito de milho.

---

Mimi é um gato sabido.

Éle apanha ratos.

Mimi bebe leite.

---

Dudu é um cavalo.

Éle come fubá.

O cavalinho corre muito.

---

Lili é uma boneca.

Ela fala mamãe.

Lili tem dois vestidos.

TESTES - DIAGNÓSTICO

INSTRUÇÕES PARA JULGAMENTO

LINGUAGEM *		Máximo de pontos
I	<u>Leitura Silenciosa</u>	
	A - (Parte 1) — 6 questões com 2 palavras para ler. Cada palavra certa vale 1 ponto.	12
	B - (Parte 1) — 5 questões com uma palavra em cada questão. 2 pontos por palavra certa.	10
	C - (Parte 1) — 5 expressões, cada uma valendo 3 pontos.	15
	D - (Parte 1) — 5 respostas valendo 3 pontos cada.	15
	E - (Parte 2) — 4 questões, pedindo 8 respostas. Cada resposta vale 1 ponto.	8
	Total de pontos de Leitura Silenciosa	60
II	<u>Ortografia (Parte 2)</u>	
	20 palavras, cada acêrto valendo 2 pontos.	40
	Total de pontos da prova escrita de Linguagem	100

MATEMÁTICA

I	(Parte 1) — 30 cálculos a 2 pontos por acêrto.	60
II	(Parte 2) — 5 questões a 2 pontos por acêrto.	10
III	(Parte 2) — 5 problemas a 6 pontos por acêrto.	30
	Total de pontos da prova de Matemática	100

\* As instruções para julgamento da parte de Leitura Oral figuram na Fôlha Individual de Registro de Resultados.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS - DAM - CBPE - MEC 1968

TESTES - DIAGNÓSTICO

MODÉLO DA LISTA DE RESULTADOS

N.º de ordem	Nome do aluno (1)	Data (ou ano) de nascimento do aluno	N.º de anos que o aluno frequenta o 1.º ano (inclusive 1968)	Leitura silenciosa					Ortografia	Total de Língua escrita	Leitura oral			Matemática			Média de Língua (2)	
				A	B	C	D	E			Total	I	II	Total	I	II		III
1																		
2																		
3																		

(1) De preferência, em ordem alfabética, relacionando primeiro os meninos e em seguida as meninas.

(2) 
$$\frac{\text{Total de linguagem escrita} + \text{Total de leitura oral}}{2}$$

Relação do material que, depois de devidamente completado, deverá ser todo reunido e enviado pelo Diretor da Escola ao Diretor do Ensino Primário do Estado:

1 — Questionário destinado ao Diretor da Escola

2 — Questionários respondidos pelos professores de 1º ano das turmas da amostra

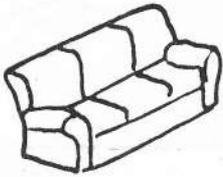
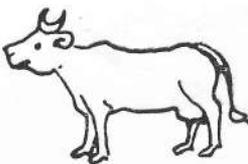
3 — Listas de resultados (de acordo com o modelo acima) das turmas de 1º ano da amostra.

Escola .....  
 Cidade ..... Estado .....  
 Turma .....  
 Nome do aluno .....

**PARTE 1**

**LINGUAGEM**

I — Leitura Silenciosa

A. MODELO			19		20
			21		22
1 —	sino		23		24
	pato		25		26
			27		28
3 —	moeda		29		30
	fita		31		32
			33		34
5 —	galo		35		36
	vaca		37		38
			39		40

B — Modelo



- fato
- faca
- fala
- fava



- boné
- boneca
- botão
- boi



- café
- cama
- caneca
- cadeira



- gavião
- garrafa
- galho
- galo



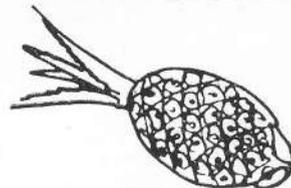
- peteca
- pedaço
- penca
- pente



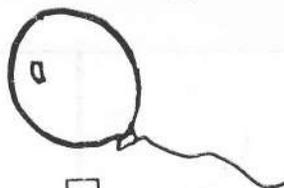
- salada
- sábado
- sapato
- salame

C — Modelo

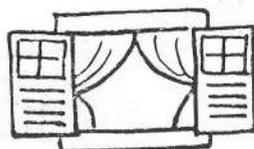
Cacho de uvas



Bola de futebol



Janela aberta



Bebê deitado



Cêsto com bananas

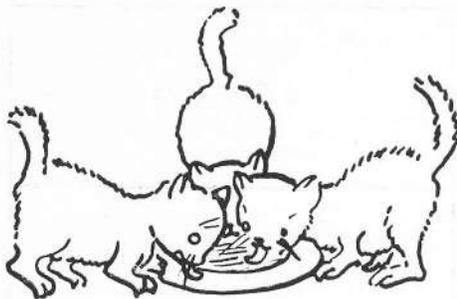


Rato correndo





- Eva está de chapéu.
- Paulo está correndo.
- Eva dá a laranja a Paulo.



- Mimi está dormindo.
- Os gatinhos bebem leite.
- O rato come queijo.



- Fábio joga bola.
- O menino está lendo.
- João veste a blusa.



- A menina está sentada.
- José pula a fogueira.
- Diva limpa o quadro.



- A moça segura uma caixa.
- É dia de chuva.
- O sol brilha no céu azul.



- Helena passa a roupa.
- O pião caiu na água.
- Gilda pula corda.

# MATEMÁTICA

## I — CÁLCULOS

## A — Some

a) $2 + 2 =$	b) $1 + 7 =$	c) $4 + 5 =$
d) $6 + 0 =$	e) $3 + 4 =$	f) $6 + 5 =$
g) $1 + 4 =$	h) $4 + 2 =$	i) $5 + 3 =$
j) $0 + 7 =$	l) $3 + 9 =$	m) $5 + 1 + 3 =$
n) $7 + 1 + 2 =$	o) $\begin{array}{r} 11 \\ + 21 \\ \hline \end{array}$	p) $\begin{array}{r} 80 \\ + 20 \\ \hline \end{array}$

## B — Subtraia

a) $5 - 4 =$	b) $6 - 1 =$	c) $8 - 8 =$
d) $9 - 5 =$	e) $7 - 4 =$	f) $9 - 7 =$
g) $10 - 4 =$	h) $8 - 1 =$	i) $4 - 2 =$
j) $7 - 5 =$	l) $4 - 3 =$	m) $9 - 2 =$
n) $12 - 6 =$	o) $\begin{array}{r} 86 \\ - 32 \\ \hline \end{array}$	p) $\begin{array}{r} 50 \\ - 20 \\ \hline \end{array}$

**DIVISÃO DE APERFEIÇOAMENTO DO MAGISTÉRIO - CBPE**  
**INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS — MEC — 1968**

Escola .....

Cidade ..... Estado .....

Turma .....

Nome do aluno .....

---

---

**PARTE 2**

**L I N G U A G E M**

---

---

I — Leitura Silenciosa

---

E — MODÉLO

Chico é um macaco. Ele gosta de pular e de comer bananas.

O macaco se chama

- Fifi.
- Simão.
- Chico.
- Dudu.

Ele gosta de comer

- carne.
- banana.
- doce de leite.
- abacaxi.

---

1 — No dia de Natal, Rute ganhou uma linda blusa vermelha.

Rute ganhou

- uma boneca.
- um livro de histórias.
- um jogo.
- uma blusa.

O presente de Rute era

- bonito.
- verde.
- roxo.
- azul.

2 — Geraldo e Célia estão fazendo uns bichinhos de pano. O elefante está pronto.

Agora, a menina está costurando o coelho.

As crianças já aprontaram

- o coelho.
- o elefante.
- a girafa.
- o pato.

Os bichinhos são feitos de

- madeira.
- papelão.
- massa.
- pano.

---

3 — José ganhou um caminhão, um navio e um avião. Ele gosta mais do navio.

O nome do menino é

- João.
- Pedro.
- José.
- Guido.

O brinquedo de que o menino gosta mais é o

- navio.
- caminhão.
- avião.
- carro.

---

4 — Carlos e Marli foram ao circo e viram o palhaço e muitos bichos.

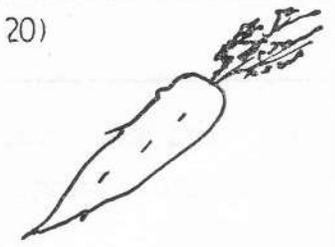
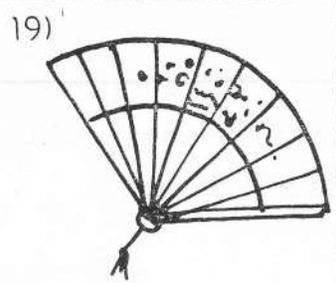
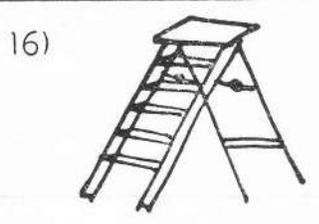
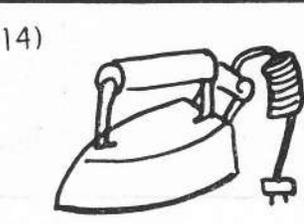
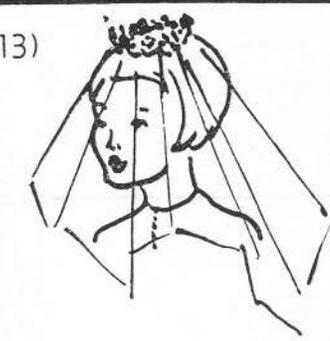
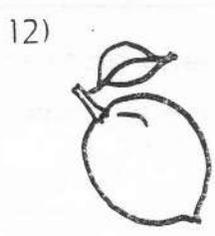
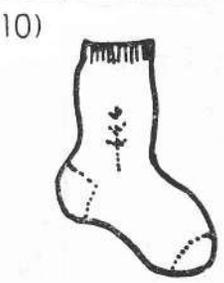
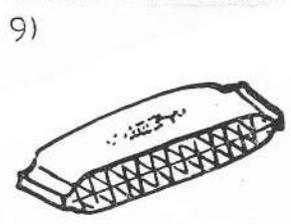
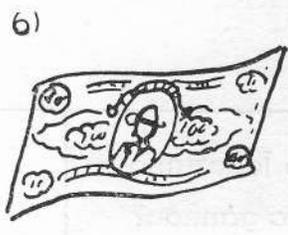
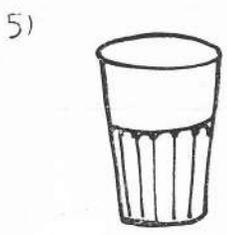
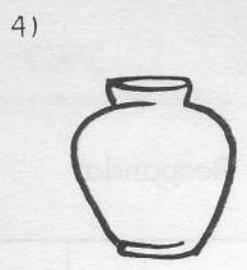
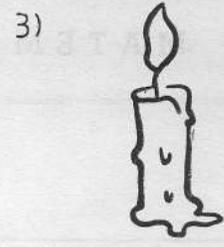
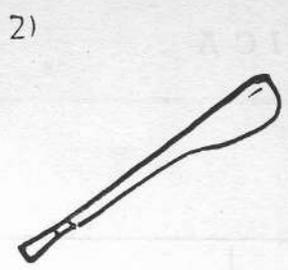
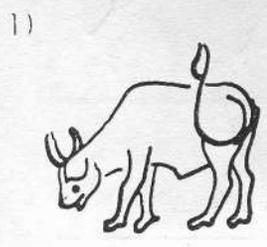
A menina riu com as graças do palhaço.

Os bichos estavam

- na floresta.
- no circo.
- no Jardim Zoológico.
- na rua.

Marli achou graça no

- tigre.
- leão.
- palhaço.
- macaco.



# MATEMÁTICA

II — Responda:

a) _____	b) _____	c) _____	d) _____	e) _____
----------	----------	----------	----------	----------

III — Resolva:

a) Pedro fez anos e ganhou 6 bolas de gude do Joãozinho e 2 bolas de gude da Rute. Quantas bolas Pedro ganhou?	Resposta: _____
b) Valéria gosta muito de doces. A mãe lhe deu 5 pirulitos e ela já chupou 3. Quantos pirulitos sobraram?	Resposta: _____
c) Lá em casa havia 6 patos. Nasceram mais 4 patinhos. Quantos patos temos agora?	Resposta: _____
d) O vendedor de bolas tinha 7 bolas coloridas. Vendeu 4. Com quantas bolas ficou?	Resposta: _____
e) Pedro tem 2 carrinhos, 3 bolas e 1 avião. Quantos brinquedos o Pedro tem?	Resposta: _____

PROMOÇÕES NA ESCOLA GUANABARA 1º CENTRO EXPERIMENTAL DE EDUCAÇÃO PRIMÁRIA DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DA GUANABARA EM COLABORAÇÃO COM O INEP

Anos	Séries	Critério da SEC. da GB.	Critério do INEP	Diferença	Aprovação no Est. da GB
1955	1ª	54%	71%	17%	47%
	2ª	55%	85%	30%	72%
	3ª	82%	87%	5%	75%
	4ª	56%	70%	14%	73%
	5ª	100%	100%	-	74%
	Total	69%	83%	14%	68%
1956	1ª	53%	91%	38%	55%
	2ª	89%	100%	11%	71%
	3ª	66%	91%	25%	70%
	4ª	96%	96%	-	71%
	5ª	100%	100%	-	75%
	Total	81%	96%	15%	68%
1957	1ª	Não houve provas em virtude da epidemia de gripe asiática	73%	-	64%
	2ª		100%	-	83%
	3ª		99%	-	81%
	4ª		100%	-	78%
	5ª		96%	-	88%
	Total	A promoção foi feita pelo critério do prof.	94%	-	79%
1958	1ª	82%	86%	4%	62%
	2ª	53%	160%	47%	83%
	3ª	62%	98%	36%	80%
	4ª	89%	89%	-	75%
	5ª	100%	100%	-	88%
	Total	77%	95%	21%	78%

Anos	Séries	Critério da SEC. da Gh.	Critério do INEP	Diferença	Aprovação no Est. da GB	
1959 <sup>(1)</sup>	1ª	O Estado da Guanabara passa a adotar como critério de promoção até a 3ª série o conceito do professor.	76%	--	57%	
	2ª		99%	--	75%	
	3ª		89%	--	69%	
	4ª		78%	79%	--	78%
	5ª		100%	100%	--	90%
	Total		89%	89%	--	74%
1960	1ª	75%	75%	--	60%	
	2ª	97%	97%	--	74%	
	3ª	89%	89	--	74%	
	4ª	88%	88%	--	92%	
	5ª	100%	100%	--	94%	
	Total	90%	90%	--	79%	
1961	1ª	86%	86%	--	57%	
	2ª	88%	88%	--	75%	
	3ª	92%	92%	--	77%	
	4ª	87%	87%	--	Promoção progressiva	
	5ª	93%	93%	--	Promoção progressiva	
	Total	89%	89%	--		
1962	1ª	80%	80%	--		
	2ª	100%	100%	--		
	3ª	100%	100%	--		
	4ª	100%	100%	--		
	5ª	100%	100%	--		
	Total	96%	96%	--		

(1) De 1959 a 1961 a Guanabara passa a adotar para promoção da 1ª à 2ª série como critério de promoção o conceito do professor baseado na capacidade da criança, em seu desenvolvimento social, na frequência e nos trabalhos e provas realizados durante o ano.

A partir de 1962 a promoção passou a ser feita pelo conceito do professor e pela nota da 2ª prova semestral organizada pelo IPE prevalecendo a opinião do professor. No mesmo ano, a 1ª série foi dividida em dois níveis.

Anos	Séries	Critério da SEC. da GB.	Critério do INEP
1963	1ª	79%	79%
	2ª	95%	95%
	3ª	92%	92%
	4ª	100%	100%
	5ª	100%	100%
	Total	93%	93%
1964	1ª	91%	91%
	2ª	93%	93%
	3ª	94%	94%
	4ª	95%	95%
	5ª	93%	93%
	Total	93%	93%
1965	1ª	97%	97%
	2ª	92%	92%
	3ª	89%	89%
	4ª	86%	86%
	5ª	86%	86%
	Total	90%	90%
1966	1ª	94%	94%
	2ª	84%	84%
	3ª	84%	84%
	4ª	83%	83%
	5ª	92%	92%
	Total	87%	87%
1967	1ª	98%	98%
	2ª	90%	90%
	3ª	80%	80%
	4ª	92%	92%
	5ª	89%	89%
	Total	90%	90%

PROMOÇÃO NA ESCOLA GUATEMALA

Ano	Critério da GB	Critério do INEP	Condições
1955	54%	71%	Bons professores Orientadores Método eclético
1956	53%	91%	
1957	-	73%	Bons professores Método eclético usando material de leitura partindo dos proje- tos em desenvolvimento na turma.
1958	82%	86%	
1959	76%	76%	
1960	75%	75%	
1961	86%	86%	
1962	80%	80%	
1963	79%	79%	Bons professores para o método eclético.
1964	91%	91%	
1965	97%	97%	Professores bons e comuns para o método misto.
1966	94%	94%	
1967	98%	98%	

Ano	Método misto	Método eclético	Total
1963	84% (1)	78%	79%
1964	97% (1)	86%	91%
1965	100%	93%	97%
1966	94%	-	94%
1967	98%	-	98%

(1) 2 Turmas submetidas ao método misto.

LINGUAGEM

Leitura silenciosa							
Notas	T 1	T 2	T 3	T 4	T 5	Total	%
100	18	14	25	15		72	46,1
95-99							
90-94	7	8	7	9		31	20,0
85-89	7	2	1	1	3	14	9,0
80-84		2	1	1	17	21	13,5
75-79		3		1	6	10	6,4
70-74							
65-69				1	1	2	1,3
60-64		1				1	0,6
55-59	1	1				2	1,3
50-54							
45-49							
40-44							
35-39							
30-34							
25-29							
20-24							
15-19							
10-14							
5-9							
0-4							
Proposta "não"	1			2		3	1,9
TOTAL	34	31	34	30	27	156	

Ortografia							
Notas	T 1	T 2	T 3	T 4	T 5	Total	%
100	11	8	22	5	6	52	33,3
95-99	6	5	10	8	15	44	28,2
90-94	6	3	2	4	3	18	11,6
85-89	3	5		1	1	10	6,4
80-84	6	3		3		12	7,7
75-79		1		1		2	1,3
70-74		3		2	2	7	4,5
65-69				1		1	0,6
60-64		1				1	0,6
55-59							
50-54		2				2	1,3
45-49				2		2	1,3
40-44				1		1	0,6
35-39							
30-34							
25-29							
20-24							
15-19							
10-14							
5-9							
0-4	1					1	0,6
Proposta "não"	1			2		3	1,9
Total	34	31	34	30	27	156	

LINGUAGEM

REDAÇÃO

Notas	T 1	T 2	T 3	T 4	T 5	Total	%
100	4	7	15	13	11	50	32,0
95-99			2			2	1,3
90-94	9	3	7	1	6	26	17,0
85-89	15	5	3	3	3	29	18,6
80-84	2		4		1	7	4,5
75-79	1	1	1	2	2	7	4,5
70-74	1	4	2	5	1	13	8,3
65-69							
60-64		2			2	4	2,6
55-59		1			1	2	1,3
50-54		1				1	0,6
45-49							
40-44		1		1		2	1,3
35-39				1		1	0,6
30-34							
25-29		1		2		3	1,9
20-24		2				2	1,3
15-19							
10-14	1	1				2	1,3
5-9							
0-4		2				2	1,3
Proposta "não"	1			2		3	1,9
TOTAL	34	31	34	30	27	156	

RESUMO

Leitura silenciosa: 46% obtiveram 100  
 87% acima de 80  
 93% acima de 75

Ortografia: 33% obtiveram 100  
 73% acima de 90  
 87% acima de 80  
 93% acima de 70

Redação: 32% obtiveram 100  
 73% acima de 80  
 86% acima de 70

Resumo final

Obtiveram notas acima de 80

- em leitura - 87%
- em ortografia - 87%
- em redação - 73%
- em cálculos - 93%
- em problemas - 83%.

EVOLUÇÃO DA ESCOLARIZAÇÃO PRIMÁRIA NO BRASIL

MÉDIAS TÍPICAS DE PROGRESSÃO DA MATRÍCULA OU FLUXO \*

ESTADO	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	APROVAÇÕES	
	Série	Série	Série	Série	Série	Série	4ª Série	4ª 5ª 6ª S
1. BRASIL	1.000	445	342	246	93	16	202	278
2. RO	1.000	303	223	138	57	-	85	130
3. AC	1.000	281	204	149	43	-	109	135
4. AM	1.000	248	161	117	81	-	99	170
5. RR	1.000	381	298	203	102	-	151	243
6. PA	1.000	300	225	154	130	2	118	227
7. AP	1.000	264	244	187	132	-	156	227
8. MA	1.000	332	195	126	71	0	92	148
9. PI	1.000	232	130	83	50	3	67	111
10. CE	1.000	201	119	75	47	0	64	103
11. RN	1.000	310	203	121	99	3	87	163
12. PB	1.000	244	177	106	42	2	77	109
13. PE	1.000	274	196	140	96	10	121	212
14. AL	1.000	226	149	92	12	0	72	82
15. SE	1.000	194	118	75	1	-	61	62
16. BA	1.000	301	199	123	78	6	92	158
17. MG	1.000	457	355	218	43	1	189	222
18. ES	1.000	398	310	218	70	-	181	239
19. RJ	1.000	414	343	251	152	19	226	383
20. GB	1.000	756	611	566	555	308	...	...
21. SP	1.000	801	630	483	90	2	454	538
22. PR	1.000	460	376	265	14	0	237	250
23. SC	1.000	502	384	268	81	3	231	302
24. RS	1.000	509	447	357	234	17	248	440
25. MT	1.000	330	211	156	52	1	129	168
26. GO	1.000	355	253	172	56	1	140	183
27. DF	1.000	738	682	612	530	60	471	929

\* Cálculos baseados nos dados dos últimos cinco anos.

## LEVANTAMENTO SÔBRE A SITUAÇÃO DO 1º ANO PRIMÁRIO

Problemas que podem ocorrer nos Estados:

1. Em cada Estado há um certo número de turmas previsto para a amostra e a indicação das Escolas a incluir nessa amostra.

Digamos que sejam 40 turmas. Isso significa que o número de alunos que deve constar da amostra é  $40 \times 30 = 1200$ . O Estado recebe, então, um número de questionários superior a êsse, isto é - questionário de reserva.

2. As escolas constantes da lista da amostra foram sorteadas e devem ser escolas estaduais. Se alguma não o fôr, deve ser excluída. Para essas escolas foi previsto o número de turmas em que os testes serão aplicados. Êsse número foi calculado na base de turmas de 30 alunos. Assim, numa escola que tenha 90 alunos se supõe que haja 3 turmas. Pode, porém, ocorrer que a escola tenha apenas 2 turmas. Nesse caso, estas duas turmas serão incluídas na amostra. É possível que o número de alunos previsto para a escola ( $n^{\circ}$  de turmas  $\times$  30) tenha sido atingido, porque as turmas tenham mais de 30 alunos. Nesse caso, não haverá problema, porque o mais importante é o número de alunos previsto para a escola e, não, o de turmas. É possível também que o número de alunos previsto não seja atingido. Nesse caso, os questionários ficarão de reserva e poderão ser usados em outras escolas. (v.item 4)

3. É também possível que se peça 3 turmas de uma escola que tenha 7 turmas. Nesse caso, haverá um sorteio em que serão incluídas todas as turmas de 1º ano da escola pedida, inclusive aquelas em que se preveja que a alfabetização não se inicie desde o começo do ano. Se o número de alunos dessas turmas fôr superior ao previsto (produto do número de turmas por 30) devem ser usados os questionários de reserva.

4. Não se deve incluir em nenhuma hipótese parte de uma turma. Ou esta é incluída em sua totalidade, ou excluída, sobrando então testes.

5. Depois de atendidas assim, até onde fôr possível, as indicações da amostra quanto ao número de turmas de cada escola ou, pelo menos, o número de alunos previstos ( $n^{\circ}$  de turmas  $\times$  30) podem sobrar provas.

Nesse caso, deve-se sortear, entre as escolas estaduais, algumas escolas mais e, dentro destas, turmas, até atingir um número o maior possível próximo do número de questionários de reserva, sempre com a preocupação de não incluir parte de uma turma, mas turmas completas.

6. Não se deve excluir nenhum tipo de turma de 1º ano. É de interesse que constem da amostra representantes de todos os tipos de turmas existentes.

## RELATÓRIO DO 1º DIA DA OPERAÇÃO-ESCOLA

Dia 11.XI.68

9h - 12h - 14h às 17h

Após as palavras de boas vindas em nome do Diretor do INEP houve a apresentação de todos os elementos representantes dos Estados: Diretor do Ensino Primário e Assessor.

A mesa foi constituída pelo grupo de Trabalho Especial de Operação-Escola: Profª Maria Terezinha Tourinho Saraiva - Representante do Ministério do Planejamento, Professôras Lyra Paixão e Lúcia Marques Pinheiro - do MEC-INEP e relatores do dia.

A professôra Maria Terezinha Saraiva iniciou depois, uma exposição sôbre a Operação-Escola - seus fundamentos:

- . legal
- . social
- . econômico
- . político

legal - na Lei Magna, Art. 68, na LDB e art. 27 e 28 ;

social - na imperiosa integração do indivíduo à época e ao meio em que vive ;

econômico - na importância dêsse fator para o desenvolvimento do país ;

político - na sobrevivência da Democracia através da Educação.

Foi esclarecido que a Operação-Escola não traz inovações, visto que todo Secretário de Educação tem por meta a expansão do Ensino e a melhoria de sua qualidade.

Representa, porém, uma sistematização que visa a aumentar o contingente atendido pela escola e a elevar o nível do Ensino, partindo do que já está sendo feito, por etapas com prazos pré-fixados. Prevê o atendimento do cumprimento da Obrigatoriedade Escolar até 1970, em determinadas áreas e, após a sua extensão.

Igualmente foi esclarecido que o estudo da viabilidade de iniciar a Operação-Escola em tôdas as unidades federadas foi realizado levando em conta:

- a renda "per capita" ;
- a concentração demográfica ;
- as dotações para Educação ;
- os dados estatísticos disponíveis.

Entretanto diz o Decreto: "caberá aos Secretários apontar as áreas em que haja possibilidade de desencadear a Obrigatoriedade Escolar a partir de 1969 até 1970".

Justifica-se a sugestão das áreas mencionadas - cidades desenvolvidas e capitais - na certeza de que, nessas áreas, o projeto será viável o que não impede, porém, que outras sejam indicadas.

Prosseguiu-se a exposição em que foram ressaltados os seguintes pontos:

O plano de ação da Operação-Escola tem etapas de trabalho, algumas paralelas, mas tôdas interdependentes na realização.

Essas etapas são:

Fase Preparatória

Levantamento Estatístico

- . estimativa da população escolarizável de 7 a 14 anos;
- . levantamento da população escolarizada;
- . "deficit" escolar existente.

Quantificação das necessidades educacionais

- . relativas a espaço;
- . relativas a equipamento;
- . relativas ao corpo docente;
- . relativas a investimento e custeio.

Visando que o levantamento estatístico imediato seja feito de modo mais rápido, será oportunamente distribuído um trabalho de orientação nesse sentido.

Para 1969, dar-se-á ao Professor, ao Diretor e ao Chefe da Seção uma metodologia sobre levantamentos estatísticos a serem realizados.

Serão considerados os espaços já existentes do ponto de vista de:

- capacidade física;
- contingente de alunos que pode abranger;
- salas disponíveis.

Após esgotados os recursos já existentes, se fará o plano de expansão.

Haverá ainda quantificação de:

- escolas
- equipamento
- professores;

b) Equipamento - prevendo a quantidade necessária de equipamento para atender à expansão;

c) Professôres - tomando as seguintes medidas:

- levantar o nº de turmas já existentes e o nº que poderá, ainda, ser atendido, após serem consideradas as sugestões dadas no item Espaço;
- verificar o número de Professôres em / e fora da regência de classe, excluindo-se as funções que são inerentes ao Professor;
- aproveitar na regência de classe, os professorandos do último ano do Curso Normal mas com supervisão direta e intensiva;
- diminuir o número de Regentes leigos e dar também aos que estiverem regendo classe supervisão direta e intensiva;
- atender ao problema do salário do Magistério.

Foram sugeridas as seguintes medidas:

Indicadas as áreas, feitos os levantamentos, quantificadas as necessidades, e tendo em vista que o objeto primordial dêsse encontro Operação-Escola é a troca de experiência, sugerimos, e não impomos, as seguintes medidas, se bem que a escolarização de nossas crianças é meta do Governo até 1970:

Em relação a Espaço:

- . uso intensivo do espaço escolar;
- . criação de Classe em Cooperação;
- . elaboração de um plano de ampliação;
- . elaboração de um plano de construção.

Em relação a Professôres:

- . recondução à regência de turma dos Professôres exercendo outras funções;
- . reavaliação dos níveis salariais do Magistério;
- . aproveitamento dos Professorandos na regência de turma.

Quanto ao uso intensivo do espaço escolar foi sugerido:

- a) a criação de 3º turno com 20h de carga semanal ou 800h de carga anual;
- b) a implantação do sistema de rodízio da folga semanal.

O uso intensivo do espaço escolar traz problemas de limpeza do prédio e de conservação do mesmo, mas uma campanha junto à criança implanta-lhe hábitos e atitudes de higiene e de conservação da escola que é um patrimônio da Comunidade.

O rodízio da folga semanal traz também o problema de uma turma mudar diariamente de sala, não conseguindo o Professor organizar o ambiente adequado ao desenvolvimento de seu trabalho. Entretanto, cada rodízio corresponde a uma nova turma atendida e conseqüentemente a mais um grupo de crianças escolarizadas, o que nos parece compensar os inconvenientes citados.

Sôbre a criação de classe em Cooperação foi lembrado que Entidades públicas ou privadas poderiam oferecer espaço útil à formação de uma escola; o Estado daria, de modo geral, o mobiliário, material de consumo escolar e Professôres. Seria preciso, porém, que o prédio oferecesse o mínimo de condições de segurança, de higiene e apresentasse possibilidade de aplicação das técnicas pedagógicas.

Quanto à elaboração de um plano de ampliação e construção:

O plano tem que ser objetivo, baseado em dados reais. A matrícula antecipada possibilita o conhecimento das áreas em que se deve ampliar a rede escolar, construindo prédios ou aumentando os já existentes e fazendo de preferência prédios pequenos.

Em relação aos Professôres foi sugerido:

- os Professôres sem regência de turma e que estejam exercendo funções, cujo desempenho independe de sua condição de Professôres, deve voltar à turma;
- o problema salarial do magistério primário precisa ser revisto;
- o aproveitamento dos Professorandos, na regência de classe, desde que essa medida seja tomada com os devidos cuidados.

Quanto à Formalização do Plano:

- . decreto da obrigatoriedade escolar ;
- . regulamentação ;
- . edital de chamada da população escolar ;
- . atestado de isenção.

O objetivo da formalização do plano é provocar o impacto, demonstrar fé no Governo, assumir o compromisso com a Operação-Escola.

Atestados de isenção - serão dados de acôrdo com o parágrafo

único do artigo 30 da Lei Federal 4.024 de 20.XII.61, nos seguintes casos:

- a) comprovado estado de pobreza do Pai ou Responsável;
- b) insuficiência de escolas;
- c) matrícula encerrada (provisório);
- d) doença ou anomalia grave da criança;
- e) outros previstos em Lei.

A comprovação da Obrigatoriedade Escolar se fará pelo

- . Censo Escolar e pela
- . fiscalização da obrigatoriedade escolar.

Deve haver justificação dos dados.

Não basta levantar a população escolarizável e escolarizada. É preciso fazer uma relação nominal dos não escolarizados e integrá-los no sistema.

Relatora - Icles Magalhães

Reunião de Estudos de 11 a 14 de novembro de 1968

Dia 11

Palestra da profa. Terezinha Saraiva

Debates que se seguiram à palestra da Professôra Terezinha Saraiva.

Após a palestra da profa. Terezinha Saraiva seguiram-se observações quanto a:

- 1) época de liberação de verbas e razões da escolha das Capitais e cidades de maior desenvolvimento como áreas viáveis para deflagração da Operação-Escola;
- 2) o que estão fazendo alguns Estados e a Operação-Escola;
- 3) melhoria de ensino.

1. Reconhecida a importância do problema "liberação das verbas de modo a que não se prejudique o andamento dos projetos estaduais", foi manifestada a intenção de levarem-se as observações colhidas a êsse propósito às autoridades superiores, com vistas a evitarem-se os inconvenientes já observados em as relações entre os Estados e órgãos federais de financiamento. Foi também esclarecido que o Decreto Operação-Escola não condiciona a liberação de verbas aos Estados, em 1970, a que tôdas as crianças de 7 a 14 anos tenham sido ou estejam sendo atendidas, em escolas primárias, e sim que as providências com vistas a êsse objetivo já estejam em andamento.

Com relação às razões da escolha das Capitais e cidades de maior desenvolvimento, áreas sugeridas, mas não impostas aos Estados, que poderão determinar outras áreas para a Operação-Escola, foram apresentadas as razões seguintes: a - proximidade dos órgãos técnicos;  
b - maior interesse das comunidades;  
c - resultados mais rápidos e, conseqüentemente, efeito **motivador** para projeto em outras áreas.

## 2. O que estão fazendo alguns Estados e a Operação-Escola

a) Alguns dos Srs. Representantes dos Estados manifestaram satisfação pela confirmação, por parte da Operação-Escola, de planos já iniciados (Alagoas, Goiás, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Brasília, Amazonas).

b) Outros manifestaram receio de que a Operação-Escola viesse a obrigá-los a modificar o planejamento em andamento, observando, ainda, os valores de consulta prévia aos Secretários de Educação, nos casos de projetos que possam afetar a programação estadual (Bahia).

Com relação ao segundo grupo, foi esclarecido que não haveria razão para tal apreensão já que geralmente haveria possibilidade de ajustamento e, de qualquer modo, a realização de um bom plano seria crédito para avaliação dos trabalhos no Estado.

3. Melhoria do ensino, como complemento natural da Operação-Escola, foi referida por alguns dos presentes, tendo sido esclarecido que a matéria seria objeto de estudos a iniciarem-se à tarde.

Os debates permitiram que se colhessem sugestões como as que se seguem:

1) Temas a incluírem-se na agenda:

a) aspectos operacionais do Projeto "Operação-Escola"

a<sub>1</sub>) critério para realização do Censo, de modo a assegurar unidade de ação, com possibilidade de melhor aproveitamento dos dados em âmbito nacional;

b) municipalização do ensino primário

2) Distribuição do texto do Projeto,

Reunião de Estudos de Diretores de Educação Primária e Assessôres  
Relatório das atividades do dia 14 de novembro de 1968

Após a leitura do relatório das atividades do dia anterior, discutiu-se sobre o caráter que assumiria o Levantamento da situação do 1º ano no desenvolvimento da Operação-Escola.

Ficou esclarecido pela professora Lúcia Marques Pinheiro que se tratava de um estudo a ser realizado pela Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério (CBPE-INEP) com o objetivo de fixar os fatores que estão influenciando na situação do 1º ano primário, como auxílio para o planejamento das soluções a serem tentadas a fim de atender à situação. Assim, os Estados que o julgassem desnecessário, por já dominarem a situação ou já haverem realizado outros levantamentos semelhantes, estariam dispensados de realizá-lo.

Ficou ainda esclarecido que o levantamento fôra preparado pela equipe da DAM, que tivera o cuidado de apresentá-lo a professores de todos os Estados para estudo do vocabulário empregado e, ainda, de incluir todos os fonemas e dificuldades de aprendizagem da leitura na 1ª série, de maneira graduada.

Foram depois analisados pelo Dr. Edson Machado do IPEA os artigos do decreto 63.258 que cria a Operação-Escola, relativos a recebimento de recursos pelos Estados e Territórios. Foi dada notícia sobre a criação do INDEP e as funções que lhe caberão e analisado o decreto 63.340, de 1º de outubro de 1968, que dispõe sobre a assistência financeira de União dos Estados, Distrito Federal e Municípios para o desenvolvimento dos respectivos sistemas de ensino primário e médio. O professor Edson Machado comentou ainda o projeto de Lei nº 60, de 1968, e referiu-se ao mecanismo do Fundo de Participação dos Estados e Municípios.

Representantes dos Territórios pediram atenção particular do Grupo Especial da Operação-Escola para o problema dessas unidades federadas, que contam apenas com recursos federais.

Na sessão da tarde, foi feita por Mlle Isabelle Deblé, perita da UNESCO, a apresentação dos dados estatísticos previstos para o planejamento da Operação-Escola, expressos no documento "Cumprimento de Obrigatoriedade Escolar" preparado pelo IPEA (e que se refere aos dados a serem levantados em 1968) e "Operação-Escola: contrôle por métodos estatísticos" que se refere ao trabalho a ser realizado a partir de 1969. Os do-

documentos foram analisados e as dúvidas surgidas devidamente atendidas.

A Secretária de Divisão do Ensino Primário Fundamental da Guanabara fez, a seguir, uma exposição sobre a maneira como a matrícula antecipada é utilizada no referido Estado como recurso para melhor planejamento do trabalho no ano seguinte e para atendimento das necessidades básicas antes do início do ano letivo.

A professora Terezinha Saraiva solicitou aos presentes que apresentassem por escrito ao Grupo de Trabalho Especial as solicitações de assistência técnica, relativas a cada unidade federada, especificando os setores preferenciais, em cada caso. Foi lido o cronograma das atividades previstas para 1968 e para 1º semestre de 1969, notando-se grande interesse dos presentes com relação às reuniões marcadas para março e julho de 69, quando se terá definido a ação prevista em cada Estado e especificado auxílio necessário de parte do Governo Federal.

Os representantes do Amazonas e de Mato Grosso dirigiram, a seguir, palavras de agradecimento ao Grupo de Trabalho Especial.

A professora Diva de Moura Diniz Costa, em nome da EATEP, explicou aos presentes o trabalho realizado pela citada equipe do INEP, especialmente em Pernambuco e no Espírito Santo. A professora Eugênia Silva, do Espírito Santo, agradeceu em nome da referida unidade federada o trabalho da EATEP e incentivou os presentes a não desanimarem se não se obtiverem bons resultados de início dadas as dificuldades naturais, pois certamente mais tarde serão obtidos bons frutos.

A seguir a professora Lúcia Marques Pinheiro comunicou que o material para o levantamento do ensino primário já seguiu para os Estados e solicitou que dentro de 3 dias representantes dos Estados mais próximos e dentro de uma semana os dos mais longínquos avisassem se o material chegou ou não.

Encerrou depois a sessão, agradecendo a presença de todos e desejando pleno êxito ao trabalho dos Estados.

## OPERAÇÃO-ESCOLA

Reunião de Diretores de Educação Primária e Assessôres  
Relatório das atividades do dia 12-11-68

I - Apresentação o relatório das atividades do dia anterior, foram feitas algumas observações a respeito do mesmo, em relação à escolha das áreas para o início da Operação-Escola ficando esclarecido:

- não houve determinação para que essa escolha recaísse nas capitais e sim, foi dada, apenas, uma sugestão visando maior viabilidade para a execução do plano. Entretanto, ficará a cargo dos senhores Secretários a escolha definitiva.
- quanto aos fundamentos legais da Operação-Escola foram lembrados os art. 27 e 28 da L.D.B.

II- Em seguida, houve o prosseguimento da análise dos fatores que estão influenciando na baixa produtividade do ensino, apresentados pelo nosso "Grupo de Trabalho".

A - Classes superlotadas e locais inadequados, fatores, também, já focalizados por professores bolsistas do Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

Diversos participantes debateram o problema das classes superlotadas, em virtude por exemplo de:

- professores licenciados;
- matrículas abertas durante todo o ano, acarretando prejuízo para a criança e desorganização na escola.

Foi recomendado um controle do que está acontecendo e dos seus resultados.

B - Condições sociais da criança

Procurou a Coordenadora saber se algum Estado possuía estudo a respeito do assunto.

Santa Catarina relatou a pesquisa realizada em quatro comunidades da região pesquisada, com o objetivo de estudar a evasão e a repetência naquela área.

A pesquisa revelou:

- a situação sócio-econômica, influenciando no baixo rendimento escolar;
- a desvalorização da escola pela família;
- a evasão inferior à hipótese, enquanto o índice de repetência era impressionante.

Lembrou a Coordenadora que uma das razões pelas quais o "Grupo de Trabalho" sugeriu as capitais ou cidades de maior desenvolvimento, para deflagrar Operação-Escola, foi o fato de ser mais elevado o nível cultural nessas áreas.

Alguns Estados reforçaram o ponto de vista apresentado.

Foi abordado outro fator importante relacionado como o sócio-econômico cultural: o da saúde, citando então, a Coordenadora declarações do Diretor de Educação de Fernando de Noronha sobre a experiência feita no local, o que veio reforçar a necessidade de maior entrosamento entre os órgãos de Educação e de Saúde.

Diversos Estados relataram suas experiências, que visaram melhorar a frequência do aluno, como:

- mudança de calendário escolar;
- convocação da família, através do funcionamento de instituições escolares - convite para visitar às classes e participação nas atividades da Escola;
- articulação da Escola com todos os órgãos, capazes de contribuir para melhor desenvolvimento do seu trabalho;
- matrícula por zoneamento;
- atrativos para os alunos - melhores recursos de ensino, elementos de recreação etc.

Complementando as opiniões em foco, a Coordenadora fez referências à importância do levantamento de problemas e da concentração de esforços onde houver maiores necessidades.

#### C - Problemas relativos ao professor:

- 1 - Falta de preparo profissional
  - 2 - Salário insuficiente
  - 3 - Falta de assistência direta
  - 4 - Direção da Escola meramente administrativa
  - 5 - Seleção inadequada para a Escola Normal
- 1 - Em relação ao preparo do professor, a Coordenação ressaltou que uma das falhas mais graves reside no fato de que o professor, em muitos casos, não estar cômico dos objetivos da Educação em tãda a sua amplitude, restringindo-se à mera instrução.
  - 2 - Quanto ao salário do professor foi encontrada grande diversificação. A insuficiência desse salário, na maioria dos casos, acarreta graves consequências:
    - professores, para sobreviverem, exercendo, muitas atividades.

- evasão dos mais qualificados;
  - aulas improvisadas.
- 3- Considerando a ausência de orientação direta ao professor, conclui-se da necessidade de uma maior intensificação dos trabalhos de orientação por parte do diretor que representa uma função chave na escola.
  - 4- Na realidade, em uma taxa elevada, a maioria dos Diretores de Escola Primária estão dissociados de sua função técnico-pedagógica, atendendo exclusivamente à parte administrativa.
  - 5- Quanto ao ingresso para a Escola Normal de modo geral constatou-se uma seleção inadequada.

#### Medidas sugeridas

- estender o Curso Normal (2º ciclo) para quatro anos, evitando que esse curso sirva de "trampolim" para ingresso na Universidade;
- levar a professoranda a frequentar, com intensidade, a Escola Primária durante todo o Curso;
- fazer a seleção para a Escola Normal, através das matérias básicas do Ensino Primário.

Alguns Estados oportunamente expuseram suas experiências a respeito do estágio das professorandas, realçando a importância de uma constante supervisão junto ao referido estágio.

III-A seguir, a professora Maria Dulce Pires Vaz, apresentou os resultados de uma pesquisa realizada, em 1965, pelo INEP, envolvendo 88 Escolas Normais de oito Estados da Federação, cujo relato deu margem a debates.

IV - Foi distribuído o seguinte material:

- Decreto criando a Operação-Escola
- Operação-Escola; subsídios para uma Reformulação do Ensino Primário Brasileiro
- Anais da IIª Conferência Nacional de Educação
- Experiência sobre promoção na Escola Guatemala
- Cumprimento da obrigatoriedade escolar

#### Relatoras:

- 1- Inalda França Spinelli
- 2- Isolde Julieta Andreatta
- 3- Maria do Rosário Padilha Florêncio

## OPERAÇÃO ESCOLA

### RELATÓRIO DO DIA 13/11/68

AS ATIVIDADES DO DIA 13/11/68 TIVERAM INÍCIO COM A APRESENTAÇÃO DO RELATÓRIO DO DIA ANTERIOR, O QUAL FOI APRECIADO PELO PLENÁRIO, SENDO SUGERIDAS ALGUMAS EMENDAS E APRESENTADAS SUGESTÕES ENTRE ELAS, DAR MAIOR ÊNFASE NAS APRESENTAÇÕES DAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS PELOS ESTADOS.

A REPRESENTANTE DA PARAÍBA SALIENTOU A NECESSIDADE DE OBJETIVAR O PONTO DE PARTIDA PARA OS TRABALHOS DA OPERAÇÃO ESCOLA, RESSALTANDO AS DIFICULDADES DE RECURSOS EM QUE SE ENCONTRA SEU ESTADO, SOLICITANDO SUGESTÕES PRÁTICAS E IMEDIATAS.

FOI EXPLICADO PELA COORDENADORA QUE A OPERAÇÃO ESCOLA JÁ ESTAVA SENDO FEITA NOS ESTADOS E QUE O GRUPO DE TRABALHO NÃO TINHA CONDIÇÕES IMEDIATAS PARA RESOLVER OS PROBLEMAS DE RECURSOS DO REFERIDO ESTADO, E QUE ESSE ASSUNTO SERIA TRATADO PELO DR. EDSON MACHADO DO IPEA.

APÓS DISCUSSÃO SÔBRE O CUMPRIMENTO OU NÃO DA AGENDA APRESENTADA PARA REALIZAÇÃO DOS TRABALHOS, FICOU DECIDIDO QUE A MESMA SERIA OBEDECIDA, TENDO SIDO RESSALTADO O VALOR DE UMA BOA FUNDAMENTAÇÃO, COMO PONTO DE PARTIDA PARA A EXECUÇÃO E, AINDA, QUE OS PROBLEMAS ESTÃO SENDO LEVANTADOS PARA APÓS ESTABELECEM AS CONCLUSÕES.

A SEGUIR FORAM LEVANTADOS OS SEGUINTE ASSUNTOS:

PROGRAMAS - UM GRUPO DE TRABALHO ESTUDA O SISTEMA ESCOLAR DE 10 PAÍSES, NO QUE RESPEITA AO PERÍODO DE ESCOLARIDADE OBRIGATÓRIA, A FIM DE QUE SE POSSA TER UMA VISÃO DO QUE SE FAZ NESSE SETOR.

PROVAS - NECESSIDADE DE UMA FILOSOFIA DE EDUCAÇÃO, DE PLANEJAMENTO E DE ESTABELECIMENTO DE OBJETIVOS. IMPORTÂNCIA DA FLEXIBILIDADE DA PROVA E SUA INFLUÊNCIA NA REPROVAÇÃO. CONCLUSÃO DE QUE O PROFESSOR DEVE IR ASSUMINDO A RESPONSABILIDADE DA PROVA E A MUDANÇA DA AVALIAÇÃO DEVE SER ACOMPANHADA DE UMA MUDANÇA DE ATITUDE E DE MENTALIDADE DO PROFESSOR, COMO, TAMBÉM, QUE A ESCOLA NORMAL DEVE DESENVOLVER UM TRABALHO DURANTE O CURSO, NO QUE SE REFERE À AVALIAÇÃO COMO UM PROCESSO INTEGRADO DO SISTEMA.

## COLTED

AS REPRESENTANTES DA COLTED APRESENTARAM O PLANO PILOTO QUE SERÁ DESENVOLVIDO EM ETAPAS SUCESSIVAS, RESSALTANDO A REALIZAÇÃO DE VÁRIOS CURSOS DE TREINAMENTO PARA UTILIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO. SOLICITARAM A COLABORAÇÃO DOS DIRETORES DOS DEPARTAMENTOS DE ENSINO PRIMÁRIO PARA UMA MELHOR EXECUÇÃO DO PLANO E EXPLICARAM A ATRIBUIÇÃO DOS ELEMENTOS QUE PARTICIPARÃO DO PLANO DA COLTED.

NA 2ª PARTE DOS TRABALHOS, FORAM TRATADOS OS SEGUINTE AS SUNTOS:

- A) SISTEMA DE PROMOÇÃO
- B) SURVEY DA SITUAÇÃO ATUAL DO 1º ANO PRIMÁRIO
- C) PROGRAMA DE APERFEIÇOAMENTO DO PESSOAL.

FORAM SOLICITADAS AO PLENÁRIO SUGESTÕES, ORAIS OU ESCRITAS, NO QUE SE REFERE AO PROGRAMA DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL VI SANDO A OPERAÇÃO ESCOLA.

QUANTO À PROMOÇÃO, FOI DITO QUE HÁ DOIS SISTEMAS NO BRASIL. A PROFª LUCIA M. PINHEIRO RELATOU A EXPERIÊNCIA VIVIDA NA ESCOLA GUATEMALA, NO QUE DIZ RESPEITO À PROMOÇÃO, COMO TAMBÉM FÊZ REFERÊNCIA À DISTRIBUIÇÃO DO PROGRAMA, ORGANIZAÇÃO DAS TURMAS, ESCULHA DO PROFESSOR, MÉTODOS USADOS, ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA. COMPAROU OS RESULTADOS OBTIDOS, ATRAVÉS DO TEMPO COM OS RESULTADOS MÉDIOS DO ESTADO DA GUANABARA.

A EQUIPE DO INEP, REPRESENTADA PELOS PROFESSORES MARIA LAÍS MOUSINHO GULDI E WALTER AUGUSTO DO NASCIMENTO, FÊZ UMA EXPOSIÇÃO SÔBRE A PROVA-DIAGNÓSTICO DA SITUAÇÃO DO 1º ANO, DANDO ORIENTAÇÃO AOS DIRETORES DE EDUCAÇÃO SÔBRE COMO OS PROFESSORES DEVERÃO A PLICAR OS TESTES. FOI LEVANTADO TAMBÉM O PROBLEMA DE QUE SE HÁ CORRELAÇÃO DÊSTE TESTE COM A OPERAÇÃO ESCOLA.

ESTA PESQUISA, FOI SALIENTADA, TEM COMO OBJETIVO A VERIFICAÇÃO DA IMAGEM VERDADEIRA DO 1º ANO, EM QUALIDADE, NAS DIVERSAS REGIÕES. PODERÁ SER ÚTIL À OPERAÇÃO ESCOLA COM RESPEITO AOS ESTADOS QUE SE INTERESSAREM EM APLICÁ-LA, POIS OFERECERÃO SUGESTÕES PARA A MELHORIA QUALITATIVA.

FORAM LIDAS AS INSTRUÇÕES, QUESTIONÁRIOS E TESTES, ESCLARECIDAS ALGUMAS DÚVIDAS E CORRIGIDAS ALGUMAS FALHAS NOS MESMOS.

RELATORAS - OSCARINA ARAUJO DOS SANTOS - PARÁ  
 SUELLY KRÜGER - RIO GRANDE DO SUL  
 MARIA HELENA FRADIQUE ACCIOLY - CEARÁ